

ENAMORAMENTO E AMOR

Francesco **Alberoni**. **Innamoramento e amore**. Milano, Garzanti Editore, 2002. Tradução e síntese: Ir. Paulo Dullius

O que é o namoro? *É o estado nascente de um movimento coletivo a dois*. O namoro não é um fenômeno cotidiano, uma sublimação da sexualidade ou um capricho da imaginação. Tampouco é um fenômeno *sui generis* inefável, divino ou diabólico. É um fenômeno que pode ser colocado nos movimentos coletivos. Não pode ser confundido com outros movimentos coletivos como a reforma protestante, o movimento estudantil, o movimento feminista, os movimentos messiânicos. Entre os grandes movimentos coletivos da história e o namoro há um parentesco estreito, o tipo de forças que se liberam e que agem são do mesmo tipo, muitas das experiências de solidariedade, alegria de viver, renovação, são análogos. A diferença fundamental está no fato que os grandes movimentos coletivos são constituídos por muitíssimas pessoas e estão abertas ao ingresso de outras pessoas. O namoro, mesmo sendo um movimento coletivo, se constitui entre duas pessoas unicamente. Seu horizonte de pertença está vinculado ao fato de ser completo com somente duas pessoas.

Em todos os movimentos coletivos há uma dependência de um chefe carismático. Ele aparece rompendo com a tradição, arrasta seus seguidores a uma aventura heróica, e produz naqueles que o seguem a experiência de um renascimento interior, uma 'metanoia'. Sob a orientação do chefe carismático as preocupações econômicas cedem lugar à fé e ao ideal, a uma vida de entusiasmo e de paixão.

Na história, em nossa vida social há fenômenos particulares nos quais as relações entre os homens mudam substancialmente, radicalmente, nos quais a qualidade da vida e da experiência se transfigura. São os movimentos do nascer das religiões – como o islamismo, o cristianismo, a reforma – mas também seitas, heresias, movimentos sindicais ou estudantis. São os movimentos do nascer de um novo "nós" coletivo. No namoro é feito por duas pessoas. Numa determinada estrutura social, o movimento divide o que estava unido e une o que estava dividido para formar um sujeito coletivo novo, um 'nós' que no namoro é feito pelo casal do amante-amado. O namoro é a forma mais simples de movimento coletivo.

Segundo uma idéia difundida, a diferença entre a **sexualidade humana** e **animal** está no fato que a do animal é cíclica, aparece de modo explosivo nas estações dos amores e depois desaparece. No homem, ao contrário - se diz – o desejo sexual é algo contínuo, sempre presente, e se não se manifesta com intensidade é porque é reprimido. Desta forma, a sexualidade é colocada na mesma classe de outras necessidades como sono, comer, sempre presente dia após dia. Esta idéia se difundiu pela psicanálise. Freud, na verdade, pensando numa energia originária, primeiramente identificou a sexualidade. Em pesquisas feitas, notou-se que todos os homens e todas as mulheres em sua vida tiveram períodos nos quais a experiência sexual era freqüente, intensa, extraordinária e exaltante e desejariam que fosse sempre assim. Estes períodos extraordinários são tomados como medida da sexualidade cotidiana, ordinária. Se refletirmos bem, vemos que houve breves períodos de sexualidade extraordinária e logo períodos ordinários. Também no homem a sexualidade não é algo contínuo como o comer e o beber. É algo que existe sempre como outras necessidades em sua *forma*

ordinária, mas que assume uma forma e uma intensidade totalmente diversa, *extraordinária*, em certos períodos, os períodos do amor.

No homem não há um ciclo biológico da sexualidade, mas a sexualidade é descontínua e se apresenta em sua intensidade nos períodos do amor. Nestes períodos a sexualidade é algo inexaurível e se apaga completamente. Vivemos por dias e dias abraçados à pessoa amada e não temos somente relações sexuais, mas cada olhar, cada contato, cada pensamento dirigido ao amado tem uma intensidade erótica cem, mil vezes superior à de uma relação sexual ordinária. Um gesto, um olhar, um movimento da pessoa amada nos fala em profundidade, nos fala dela, de seu passado, de como era criança. Compreendemos seus sentimentos, e compreendemos os nossos.

A relação sexual se torna um desejo de estar no corpo do outro, viver e ser vivido por ele numa fusão que é corpórea, mas que se prolonga como ternura pelas fraquezas do amado, as suas ingenuidades, os seus defeitos, as suas imperfeições.

Os fatos nos mostram que a nossa sexualidade se manifesta de modo ordinário, cotidiano e em modo extraordinário, descontínuo. E isto acontece em momentos particulares, como o namoro, o amor apaixonado, total. A *sexualidade ordinária*, aquela como o comer e o beber, nos acompanha quando a nossa vida procede de forma homogênea como o tempo linear do relógio. A *sexualidade extraordinária* aparece nos momentos nos quais o impulso sexual busca novas formas. Então, a sexualidade se torna o meio no qual a vida explora as fronteiras do possível, os horizontes do imaginário e da natureza: o estado nascente.

Esta sexualidade está ligada à inteligência e à fantasia, ao entusiasmo, à paixão. No estado nascente se tem a eternização do presente. E quando perdemos o nosso amor a espera de uma hora se torna anos ou de séculos, e a nostalgia do instante de eternidade nos acompanha sempre.

História do namoro.

No namoro, a pessoa mais simples e desprovida é forçada, para expressar-se, a usar a linguagem da poesia, da sacralidade e do mito. É assim porque a sacralidade e o mito nascem também da experiência extraordinária que é comum aos diversos movimentos, ou seja, o *estado nascente*. O enamoramento desafia as instituições em seus valores fundamentais. Sua natureza está exatamente nisso: de não ser um desejo, um capricho pessoal, mas um movimento portador de projeto e criador de instituições. Todos os processos coletivos separam alguma coisa que estava unida e unem alguma coisa que estava separada. O cristianismo das origens separa os hebreus da sua religião nacional, separa os cidadãos romanos do culto imperial e une juntos hebreus e gentios. O namoro, quando aparece na história do ocidente, se apresenta como separação. Todas as sociedades arcaicas tribais, mas também as agrícolas e feudais, estavam fundadas na estrutura de parentesco. Era um sistema de diferenças e de trocas. Uma tribo, um clã cede uma mulher a um outro clã e recebe em troca uma outra mulher. Com o enfraquecimento do feudalismo, com o desenvolvimento da burguesia e da possibilidade de acumular riquezas, de ter sucesso, com o desenvolvimento da cultura e do prestígio, estes laços rígidos se enfraquecem, e se torna possível a exploração de outras formas.

As condições que estão na base dos movimentos coletivos são sempre estes: de um lado temos um sistema de regras, de instituições que continuam a existir, ao passo que na sociedade se desenvolveram transformações, surgiram novas classes, novos pode-

res, novas possibilidades. Isso vale também para o namoro. Na sociedade feudal, onde a estrutura das relações de parentesco existia sempre, mas nasceu a burguesia e uma nova intelectualidade, o namoro aparece como cintila entre dois indivíduos que pertencem a dois sistemas separados e incomunicáveis. Eles se procuram e se unem transgredindo as regras endogâmicas do sistema de parentesco. Não existe movimento sem uma diferença, não existe namoro sem a transgressão de uma diferença. Por séculos e séculos, o namoro se apresentou como ruptura do casal conjugal: adultério. A criança na sua família ama seu pai e sua mãe, ama os seus irmãos e ama também a família como uma unidade. A família é o objeto coletivo do amor. A família é, porém, também um lugar de tensões e de frustrações, de ressentimento e de agressividade, objeto de amor, mas também de agressividade, portanto, ambivalente. A imagem que a criança faz da mãe, do pai, a imagem que o adulto se faz da sua Igreja, do seu partido, é uma imagem o mais possível perfeita. E faz de tudo para conservá-la perfeita a seus olhos. Para consegui-lo aprende de um lado a dirigir a agressividade contra si, a elaborá-la como sentimento de culpa (depressão) e por outro, a explicar a imperfeição atribuindo-a a um inimigo. O pai é brabo porque trabalha muito, a pátria ou o partido ou a igreja são imperfeitos porque no exterior ou no interior existem inimigos, maus.

O namoro é um separar do que estava unido e o unir do que estava dividido; mas unir de forma especial porque esta união se apresenta como alternativa estrutural à relação estruturada. Na verdade é um *nascimento*. O estado nascente tem esta propriedade extraordinária de refazer o passado. Nós, na vida quotidiana, não podemos refazer o passado. Nosso passado existe com as suas ilusões, com suas lamentações, com suas amarguras. Quando retornamos ao passado com a memória, procuramos curar feridas que permaneceram abertas. Por que tanto esforço, tanto sofrimento... Por que aquele que amei tanto não me amou e tive que reagir com rancor, com ódio para tirá-lo de minha mente. Nosso passado pesa em nossa consciência. Nós nos defendemos com o esquecimento, com a distração, com a remoção daquilo que o torna inconsciente. Mas o inconsciente é imortal. Nietzsche atribui a infelicidade humana ao espírito de vingança e a vingança é o ódio do próprio passado, daquilo que não se pode modificar. As pessoas enamoradas re-percorrem o seu passado e se dão conta que aquilo que foi, foi assim porque em determinado tempo fizeram escolhas, o quiseram e agora já não o querem. O passado não é escondido ou negado, mas privo de valor. Certamente amei meu marido e o tenho odiado, mas não o odeio mais, eu errei, mas posso mudar. O passado aparece *pré-história* e a verdadeira história começa agora. Assim cessa o ressentimento, o rancor, o desejo de vingança; não se pode odiar o que não tem valor, o que não vale.

A alegria de um novo amor também gera outra ilusão. Leva o enamorado a crer que aqueles que deixa para trás de si podem aceitar pacificamente por seu novo amor. E pensa que os outros farão o mesmo. A história do namoro será a história da rejeição de escolher e aprender a escolher. No estado nascente a solicitação de escolher tem os traços do dilema. É como pedir a uma mãe à qual foram raptados dois filhos de escolher qual dos dois deve ser morto. Não há solução. O estado nascente encontra sempre o dilema; todos os movimentos encontram o dilema, cada namoro encontra o *dilema*. O amor tende a separar a lei da pessoa; quer instaurar outras leis, outras normas, não quer eliminar as pessoas, quer amá-las. Mas as leis falam através das pessoas, as pessoas encarnam as antigas leis e se opõem ao novo direito. Não se pode in-

fringir a lei sem passar pelas pessoas que a encarnam. Este é o dilema. Isso aparece sempre e constringe o enamoramento a perder a *inocência*. Aqueles que querem liberar a sexualidade, o desejo e o erotismo excluem a existência do dilema como se fosse um produto histórico, conseqüência da ignorância ou do domínio de classe, ou de uma educação repressiva, ou como penosa mistificação. Produzem uma ideologia consolatória.

O **estado nascente** é a revelação do ser que diz de si mesmo. Não há nenhum motivo para que diga 'sim', nenhuma garantia, mas o faz. O enamoramento é o abrir-se a uma existência diferente sem que nada garanta que seja realizável. O namoro é confiança, abandono fiducioso ao outro. Os enamorados não são ciumentos, pois tende a produzir confiança. O objeto do amor aparece como objeto não ambivalente, é objeto bom. Os namorados passam horas e horas contando a vida, em particularidades porque querem fazer o outro participar da totalidade do seu ser e de seu passado. O namoro tende à *fusão*, mas fusão de duas pessoas diferentes. Para que haja namoro é necessário que haja diversidade que já existe e deve existir. Queremos ser amados como seres únicos, extraordinários, insubstituíveis. Isso não pode ser alcançado nas organizações onde todos somos substituíveis; não pode ser alcançado na quotidianidade da família. Somos, sim únicos, na família, mas não extraordinários. Queremos sentir-nos fim último. Não basta ser adorado por alguém que não tem valor. Queremos ser vividos como únicos, extraordinários, indispensáveis por quem é único, extraordinário e indispensável. Por isso, o namoro é monogâmico e não pode não sê-lo. Vem de alguém que é extraordinário e é reconhecimento de extraordinaridade por quem é extraordinário, abandono àquele que é o único capaz de dar prazer, alegria e vida. Eu sou, por isso, o absolutamente único e ele o absolutamente único, não confundível com nenhum outro e nenhuma outra coisa. Um sinal seguro e inconfundível do amor é este apeço da especificidade e unicidade do outro.

Mas o namoro coloca em movimento a fusão. A fusão se dirige para uma convergência das vontades. A reciprocidade do amor significa que ambos querem juntos o que é importante para cada um. A individuação diferencia, dá valor às diferenças. Mas exatamente estas diferenças e estas preferências se tornaram importantes, tendem a prevalecer e se desencontram. O amor também é uma luta. No amor cada um procura valorizar a parte melhor de si, a que sente como mais sua, mais verdadeira, ele deseja que seja apreciada esta. O outro aprecia mais outra coisa e a revela. Com isso, o outro precisa refazer a imagem que tem de si. Em nosso redor somos continuamente produtores de símbolos. O estado nascente é uma proliferação de sinais. Alguns lugares, onde aconteceu alguma coisa significativa se tornam sagrados.

O amor produz uma geografia sacral do mundo. Aquele lugar, aquela casa, aquele particular ponto de vista sobre o mar ou das montanhas, aquela árvore... se tornam símbolos sagrados do amado ou do amor. Tornam-se zonas sagradas, templos, porque hospedaram um instante de eternidade do amor ou um presságio. Tempo sagrado e espaço sagrado como nas religiões, o namoro reconstitui a divisão entre sacro e profano e tem fortíssimo o sentido do sacrilégio. Também a distância de anos ou de décadas os namorados, agora separados, não poderão encontrar certas datas do ano sem ficar perturbados, não poderão voltar em certos lugares sem serem invadidos pela nostalgia. Esquecidos, sobrevivem no inconsciente.

A vida humana está caracterizada pela **decepção**. Sempre temos tantas coisas para fazer, a grande maioria solicitadas a nós por outros. A ordem das coisas não tem a nós como centro, não tem em nós o seu princípio inspirador; é o resultado das pressões que são feitas sobre nós. Nosso companheiro ou nossa companheira sempre tem alguma coisa diferente para fazer, ou não tem vontade, ou tem vontade quando nós não a temos e no-lo pede no momento mais inoportuno. Se dizemos 'não', de ter paciência, se ofende e em nós passa o mesmo como nele. Tudo isso é **decepção**: a impressão de que haja alguma coisa desejável, mas que nos foge sempre porque devemos sempre fazer alguma outra coisa. Nunca nos sentimos plenamente compreendidos, nunca nos é dada total satisfação, nunca os nossos desejos e dos outros se encontram completamente.

A profunda atração que o namoro suscita em cada um de nós deve-se ao fato de introduzir nesta opacidade uma luz obcecante e um perigo total. O namoro libera nosso desejo e o coloca no centro de cada coisa. Tudo o que fazemos pela pessoa amada não fazer nada diferente e por alguém outro, mas é fazê-lo para nós, para ser feliz. Toda nossa vida está voltada para uma meta cujo prêmio é a felicidade. Na vida quotidiana sempre se precisa escolher entre uma decepção maior ou menor. No namoro é entre o tudo ou nada. A polaridade da vida quotidiana está entre a tranqüilidade e a decepção; a do namoro entre o êxtase e o tormento. A vida quotidiana é um eterno purgatório. No namoro há somente o paraíso ou o inferno; somos salvos ou somos condenados. Esta afirmação produz dois tipos de objeções. A *primeira*: Certo, na vida quotidiana há incompreensões e contínuas frustrações, mas porque as relações sociais não foram colocadas adequadamente. Se dois cônjuges têm continuamente a impressão de fazer alguma coisa que não os satisfaz, eles têm necessidade de uma terapia familiar ou algo parecido. Mas existe difundida a idéia de uma normalidade ideal que está fundada no imaginário. Dois cônjuges que fizeram tratamento terapêutico agirão mais de acordo, se insultarão menos, mas nem por isso terão a experiência de uma contínua de vida. A *segunda* objeção refere-se à descrição do namoro como tensão entre êxtase e tormento. O verdadeiro amor – se diz – é um estado de felicidade contínua, de contínua compreensão, de perfeito acordo, onde os pequenos desentendimentos são vistos com naturalidade. Caso contrário não é amor verdadeiro; o amor verdadeiro se consegue com paciência e sabedoria. Assim pensa Fromm, e oferece a todos a sua receita para ser feliz, a “arte de amar”. Na realidade, sob esta afirmação não há nada mais do que o mito da fábula “e depois viverem felizes e contentes”, a ilusão de uma quotidianidade. Todos os psicólogos, os sociólogos, os assistentes sociais, vários tipos de terapeutas no fundo não fazem outra coisa do que prometer a mesma coisa: a felicidade perfeita e contínua. Assim fazendo são como os médicos charlatães que giravam nas praças com a garrafinha do elixir de longa vida ou da eterna juventude.

É possível **amar simultaneamente duas pessoas? Certamente. Amar uma e enamorar-se de outra? Certamente. Estar enamorado de duas? Não.** Cada um de nós ama mais pessoas. Amamos nossa mãe, nosso pai, a nossa companheira e nossos filhos. Nenhum destes amores exclui o outro, nenhum tira alguma coisa do outro. Um homem pode amar duas mulheres e uma mulher dois maridos. Cada qual pode, continuando amar a primeira, enamorar-se de uma outra pessoa. Mas é impossível enamorar-se de duas pessoas diferentes. Esta afirmação parece absurda. Ouve-se dizer muitas vezes: “estou enamorado das duas” ou “não sei de qual delas estou mais enamorado”. Estas expres-

sões se ouvem em dois sentidos: Um é o da preparação ao namoro. Quem quer namorar procura alguém que lhe responda, e tem a impressão de tê-la encontrado. Muitas pessoas podem estar enamoradas da mesma pessoa sem que esta seja, na realidade, enamorada deles. Ao redor dos chefes carismáticos se constitui uma convergência assim, como ao redor de uma atriz célebre, ou simplesmente, ao redor de uma mulher fascinante. É namoro unilateral. O namoro, enquanto superação de uma barreira, constitui sempre uma reestruturação do sistema de afetos.

Podemos amar uma pessoa e enamorar-se de outra, mas não estar enamorado de uma pessoa e enamorar-se de outra. O namoro é um processo de reestruturação de todas as relações ao redor de um indivíduo. O que acontece quando duas pessoas enamoradas têm um filho? Quando um deles não o quer, vive o amor do outro pela criança como uma verdadeira traição, como um abandono. No caso de ambos quererem o filho, ele se torna um novo pólo de amor. Neste caso o namoro cessa. É difícil admitilo. Existe uma sabedoria popular e antiga que diz que um filho consolida o amor, coloca um remédio e um amor em perigo. Amor, não enamoramento. O filho, de fato se torna o objeto de amor de ambos.

Estado nascente

“Deus expulsou o homem e colocou na saída do jardim do Éden o querubim com a espada flamejante para impedir o acesso à árvore da vida”. No estado nascente o homem arranca da mão do querubim a espada flamejante e entra no jardim do Éden. Mas não pode fixar-se, não pode fazer ali sua casa e sua terra. O *estado nascente* é, por definição, transitório. Não é um permanecer, mais um andar, um andar na direção de. Enamorar-se, quando tudo vai bem, termina no amor; o movimento, quando tem sucesso, produz uma instituição. Mas, a relação que há entre namoro e amor, entre estado nascente e instituição está no tipo de relação que há entre o lançar-se para voar, o voar e ter chegado, entre o estar no céu acima das nuvens e ter apoiado novamente e de forma estável, os pés no chão. Outra imagem é aquela da flor e do fruto: o fruto nasce da flor, mas não é a flor. Quando existe o fruto, a flor já não existe. Não tem sentido perguntar-se se a flor é melhor que o fruto e vice-versa. Igualmente não tem sentido perguntar-se se é melhor o estado nascente ou a instituição. Sem um não tem o outro, e vice-versa; a vida é feita de ambas. Tampouco tem sentido confundi-las porque são diferentes. O modo de sentir, de pensar e de viver *estado nascente* é diverso daquele da vida cotidiana-institucional. São modos diferentes de pensar, de um *sistema categorial diverso*.

Na vida cotidiana, os fins que nos propomos levam em consideração os meios dos quais dispomos. Não nos propomos coisas irrealizáveis. Por outro lado, nossos desejos são ilimitados. Se nos aparecesse a fada da fábula nos pedindo elencar três coisas que queremos, ficaríamos perplexos e nos viria em mente um elenco bizarro: ser riquíssimos? não ter doenças? mas só nós ou também nossos amigos? Permanecer sempre jovens? Mas, só nós ou também outros? Podemos alcançar a felicidade, mas a felicidade não é uma coisa; o problema é identificar coisas que nos dão a felicidade. Uma pessoa enamorada saberia o que pedir: “Que ele me ame”. Se lhe sobram outros dois desejos acrescentaria: “Que eu continue a amá-lo e ele a amar-me”. Esta pessoa tem um desejo bem preciso, limitado. Mas ela não leva em consideração os meios que dispõe. Ninguém que se enamora diz primeiro que tem os meios para tal e decido enamorar-me dele. Primeiro se namora, primeiro deseja o amor do outro e depois é que procura

os meios para obtê-lo, para fazer-se amar por parte dele. Na vida cotidiana não tem diferença entre *necessidades essenciais e necessidades não essenciais*. No estado nascente sim. Tudo o que serve para atingir o amado e fazer-se amar por ele é essencial. O resto não interessa. Para encontrá-lo, para estar com ele estamos dispostos a fazer grandes e cansativas viagens, a não comer nem dormir, e não nos custa muito; ao contrário, somos felizes. Todas as coisas que na vida cotidiana nos são insuportáveis, as fazemos sem nos darmos conta.

Na vida cotidiana vale o princípio da troca calculável. No estado nascente, vale a regra do *comunismo*: cada um dá segundo suas possibilidades e cada um recebe segundo as suas necessidades. Não há contabilidade entre o que dou e o que recebo. Cada um dá presentes ao outro: as coisas que lhe parecem bonitas, alguma coisa que fala de si, que recorda o amado. Mas o dom não espera outro dom, não espera reciprocidade: basta que o aprecie, que esteja contente. A alegria do outro vale mais que qualquer objeto. Quando começa uma contabilidade dos dons um 'eu te dou e tu não', então o namoro está por terminar. Quando cada um exige contabilidade do dar e do ter, então terminou completamente.

Conexo ao comunismo está a experiência da *igualdade*, uma igualdade que não tem nada a ver com a falta de diferenças. Cada qual é desejado enquanto individualidade única e inconfundível. É igualdade de direitos, direitos de cada um pedir. No namoro não tem direitos preestabelecidos. Igualdade de poder. Cada qual está à mercê do amado.

Uma última dimensão do estado nascente é a da *verdade* e da *autenticidade*. O namoro é uma procura da própria mais profunda autenticidade, ser a si mesmo em profundidade. Isso se obtém graças à outra pessoa, ao diálogo com ela, ao encontro no qual cada um procura no outro o reconhecimento, a aceitação, a compreensão, a aprovação e a redenção daquilo que foi e é realmente. Para ser redimido de seu passado deve dizer a verdade. Só a verdade liberta. O estado nascente despedaça em poucos minutos barreiras inconscientes que na psicanálise talvez requeiram anos. Isso é possível porque cessa o medo do passado. Os dois namorados fazem uma confissão recíproca e cada um tem o poder de absolver o outro de seu passado.

Nesta análise entram sempre referências religiosas. Na verdade, a dinâmica profunda do estado nascente até hoje foi expressa somente em linguagem da metafísica e da religião. Em grande parte usamos nas relações humanas o que foi descrito sobre as relações com a divindade. A confissão e a absolvição são dois componentes essenciais da experiência do estado nascente. Os namorados se perguntam continuamente sobre o que estão pensando: "O que está pensando?" No fundo quer dizer: "Está pensando em mim?" Não basta dizer 'sim'. O outro quer saber de sua vida, de seus pensamentos mais escondidos, quer total transparência para poder inserir-se como objeto autêntico de amor, mas também como intérprete, consolação, guia. Não basta que o outro responda, mas que indique o caminho concreto, individual do percurso. O "a ti" é sempre ponto de partida e ponto de chegada, mas através do concreto. É um "mutamento de substância" (é tb. palavra religiosa). O mesmo fato, até agora banal uma vez dito e narrado, aceito inserido no discurso do amor, sai transfigurado, dotado de valor. Mesmo um defeito, uma fraqueza, um sofrimento, uma doença. O namorado ama também as feridas da amada, ama os órgãos internos do corpo: seu fígado, seus pulmões, os órgãos internos de seu ânimo: a sua infância, os seus sentimentos em relação ao pai ou à mãe, o seu amor por uma boneca. Enamorar-se é também resistir ao amor,

um distanciar-se, um querer separar-se... mas este 'não querer' também deve ser dito, confessado, superado e absolvido.

Um passo adiante: Só o objeto do nosso amor tem valor em si, todas as outras coisas não. Esta distinção entre o que tem valor em si e o que não tem valor em si é o fundamento do *pensamento metafísico*. Enquanto estamos em relação com a realidade somos transfigurados, somos portadores de valores e de direitos absolutos. Enquanto não estamos em relação com a realidade não valemos nada, não somos nada de nada. Contudo, já que o enamoramento é um processo, há um contínuo passar de coisas, objetos e experiências de um plano para outro, uma contínua transição metafísica: daquilo que é contingente àquilo que é real, daquilo que é real ao que é contingente. De um lado, portanto, a transfiguração (ou transmutação) e do outro, degradação. Temos em mãos um bracelete ou brinco e desejamos presenteá-lo a quem amamos. Ele o aceita e lhe agrada. Leva-o consigo. Torna-se parte dele, um pedacinho de nós nele. Suponhamos que brigamos com ele e ficamos angustiados. Mas, encontrando-o, vemos que ele leva (usa) nosso bracelete. Agora ele muda de natureza: ele é todo boca e corpo do amado que nos diz: "Ainda te amo". Se não agrada ao amado uma roupa que usamos, e ele o diz, imediatamente o valor deste objeto se degrada. Mesmo sendo precioso, já não vale nada.

Este conjunto de modo de pensar (instante-eternidade, felicidade, fins absolutos, auto-limitação das necessidades, igualdade, comunismo, autenticidade e verdade, realidade e contingência...) são propriedades estruturais, permanentes do estado nascente. No estado nascente, por isso, pensamos, sentimos, valorizamos de forma diferente, radicalmente diferente. É a tentativa de realizar no mundo o mais possível desta solidariedade absoluta da qual se teve experiência. O namoro não dura sempre, o extraordinário sempre convive com o ordinário e retorna ordinário. Mas isso é o jardim do Éden. Todos nós o conhecemos; todos estivemos nele; todos o perdemos; todos sabemos reconhecê-lo.

Enamora-se quem está predisposto a enamorar-se, e quando há certas condições, quando chegou certa elaboração, quando já foram feitas tentativas. Quem se enamora já fez várias tentativas. O enamoramento é já prefigurado pela cultura e pela disposição de ânimo. A palavra "namoro" é um produto cultural, resultado de uma elaboração e definição de certo tipo de experiência. No mundo grego e romano as pessoas viviam certamente estados nascentes em dois, mas não se falava de namoro. Dante diz que "quem não amou não perdoa". Muitas vezes fracassa a tentativa de namorar. Mas mesmo que alguém se enamora, muitas vezes não é correspondido com a mesma intensidade ou maneira. Duas pessoas que estão verdadeiramente predispostas a enamorar-se, encontrar-se, têm muita probabilidade de enamorar-se uma da outra, a 'reconhecer-se'. A resposta disso se encontra no estado nascente: é um modo de pensar, de ver, de sentir e de viver bem diferente do anterior. Mesmo sendo muito diferentes em sua história pessoal, têm em comum esta identidade de colocar-se em relação com o mundo. Este é o motivo pelo qual, nos grandes movimentos coletivos milhares de pessoas diferentes em idade, classe social se 'reconhecem' e formam uma unidade coletiva, um nós. O mesmo acontece no namoro. O estado nascente cria imediatamente o *reconhecimento, a compreensão* num plano intuitivo e profundo.

O estado nascente tem o poder de despertar nos outros as suas características. Quando alguém se enamora de outra, suscita sempre nela um despertar, uma emoção. No

namoro, os dois se amam da mesma forma ou tem quem ama mais e quem ama menos? O namoro é uma transformação interior individual que vai à procura de seu objeto. Em todos os começos do namoro somente um está enamorado. Destas tentativas iniciais a maioria termina logo. Outras vezes o processo continua e podemos ter dois casos: No primeiro, a escolha foi bem feita, também a outra pessoa estava disponível ao namoro. E se desenvolve o estado nascente a dois, é namoro recíproco. Mas há muitíssimos casos em que a outra pessoa somente tem um desejo de amor, ou aventura, ou é atraída eroticamente, intelectualmente pela primeira. Por isso não se enamora. Isto não significa que rejeita o amor do outro, mas não muda interiormente, não entra no estado nascente, participa do estado nascente do outro. Talvez ela mesma acredita estar enamorada. Mas é apenas reflexo porque aceita e participa dos símbolos do outro que fala a linguagem do enamoramento. Mas, bem no íntimo apenas um está enamorado e o outro um mínimo. Esta forma desequilibrada pode até durar muito tempo e até levar ao casamento. Entre eles se estabelece um profundo afeto. Em casos de dificuldades, aquele que foi atraído, se desinteressa e passa-lhe a mensagem de “vire-se”. No namoro bilateral cada um tende a invadir o território do outro, considerá-lo um problema do “nós” e só o “nós” pode resolver.

Outro caso de enamoramento desequilibrado: os homens não são todos iguais; há entre eles diferenças profundas de sensibilidade, de inteligência, de cultura e de criatividade. Quando uma pessoa criativa se enamora torna-se mais criativa, aumenta a sua capacidade de enriquecer a vida com produções do imaginário. Constrói fantásticos labirintos, cidades encantadas e as habita como se fossem reais. Os artistas, os poetas, os cientistas... vivem no universo imaginário de seu criado e, enamorando-se, tendem a transportar a quem amam neste seu mundo. Seu fascínio é grande, mas muitas vezes é também grande a decepção que provocam. A maioria das pessoas quer realizações concretas.

O namoro produz na pessoa mais simples uma transformação que o aproxima aos poetas. A linguagem do estado nascente é, na verdade, a linguagem da mística, da teologia, da poesia. No namoro desequilibrado é sempre quem ama menos aquele que condena o outro de ter pouca sensibilidade, de ser egoísta, de viver fantasiando ou de ser ambíguo. Aquele que está mais enamorado é o que coloca, constantemente, através de muitas sutilezas, a pergunta essencial: Você me ama? E é ele que dá os presentes.

Não há relação entre desejo de um amor e enamorar-se verdadeiramente. Há pessoas que levam dentro delas por anos este desejo procurando esta única que pode ser amada por ela e amá-la; mas não a encontram nunca. Dão a culpa ao azar, ao tipo de ambiente que freqüentam, ou ao fato de serem exigentes no gosto. Muitas vezes têm a impressão de encontrá-la, experimentam alguma emoção, um desejo, uma ansiedade de vê-la, mas é como um relâmpago e desaparece. Em geral dizem que encontram pessoas que não se interessam por ela: por uma característica física, são demasiado idosos, demasiado jovens, demasiado ingênuo ou demasiado sofisticado, demais entusiasta ou demasiado frios. Na verdade não estão dispostos a enamorar-se, mesmo que o desejem. O namoro que desejam não é uma necessidade de romper completamente com o passado, uma necessidade de colocar em discussão sua vida, jogar-se no totalmente novo.

Características para enamorar-se:

Ninguém se enamora se está, mesmo que parcialmente, satisfeito daquilo que tem e do que é. O namoro desencadeia da sobrecarga depressiva e isto é uma impossibilidade de encontrar alguma coisa que tem valor na existência quotidiana. O 'sintoma' da predisposição ao namoro não é o desejo consciente de enamorar-se, o desejo intenso de enriquecer o existente, mas o sentimento profundo de não ser e de não ter nada que vale e a vergonha de não tê-lo. Eis o *primeiro* sinal da preparação ao enamoramento: *o sentimento da nulidade e a vergonha da própria nulidade*. Por isso é mais freqüente nos jovens, porque eles estão profundamente inseguros de seu valor, e muitas vezes se envergonham de si mesmos. O mesmo vale em outras idades da vida quando se perde alguma coisa de nosso ser, seja no final da juventude, e mesmo quando se aproxima da terceira idade. É a perda irreparável de algo de si, dever privar-se de algum valor em relação ao que já se era antes. Não é a nostalgia de um amor que nos faz enamorar, mas a convicção de não ter nada a perder. Só neste momento se constitui dentro de nós a disposição ao diferente e ao risco, aquela propensão a jogar-se no tudo ou nada.

Outro sintoma: Às vezes tudo inicia com uma *decepção profunda, radical sobre nós mesmos* ou sobre o que amamos. Pode ser uma enfermidade grave, o fato de ter sido cuidado por longo tempo, ou o acúmulo de tantas e tantas decepções que sempre negamos. E reagimos fechando-nos em nós mesmos. Mas pode acontecer que olhamos a nosso redor e nos damos conta que os outros estão felizes. Eis o sinal. Em geral não percebemos fortemente a felicidade dos outros; mas quando estamos predispostos ao enamoramento somos impulsionados a senti-la ao redor de nós de forma quase dolorosa e a invejá-la. É o sentimento de uma lacuna reservada a nós, um sentir-se excluído de um mundo de intensos desejos e de intensas satisfações. Estes desejos e satisfações que percebemos nos outros na verdade são os nossos desejos e a nossa renovada capacidade de viver intensamente. Mas nesta fase ainda não as captamos como nossas, mas nos outros. O sujeito se sente excluído de uma vida plena que vive e conhece através dos outros: os felizes. A ele apenas é concedido o dever e a renúncia. A propensão no enamoramento não se revela no desejo de enamorar-se, mas em perceber a intensidade vital do mundo e sua felicidade, e em sentir-se excluído, em invejar aquela felicidade com a certeza que é inacessível. Em algumas pessoas aparecem verdadeiras visões ou fantasias densas de significados obscuros ou exultantes. O enamoramento não é desejar uma pessoa bela ou interessante; mas a reconstrução do campo social, ver o mundo com olhos novos. Na preparação ao namoro o novo mundo começa a aparecer ora longe socialmente (os felizes) ora longe no tempo (alguma coisa que deve acontecer). Ainda não é a manifestação do ser, mas é já uma hierarquização, uma distinção daquilo que é importante e tem valor daquilo que não o tem sentir-se privado, e o presságio de alguma coisa.

Quem deseja enamorar-se para enriquecer a sua existência, para acrescentar alguma coisa de maravilhoso não pode enamorar-se. Somente quem está perdendo a sua existência se aproxima à porta que separa o real do contingente. Se o sujeito que está preparado à mudança de estado se encontra em um sistema social no qual está para explodir um movimento coletivo ele se reconhecerá nisto. Não se enamorará de uma pessoa, mas entrará no estado nascente de um grupo. Pode-se fazer alguém enamorar-se de nós? Sim. Isso é possível porque sempre tem alguém que está preparado ao enamoramento, que está preparado para se jogar no tudo ou nada de uma vida nova.

Então pode apresentar-se uma pessoa a ele para demonstrar-lhe que tudo é possível e representar a seus olhos a porta através da qual encontrará a liberdade e a alegria mais plena. Qualquer pessoa pode fazer enamorar uma outra que esperava a chamada se lhe faz ouvir a voz que o chama pelo nome e lhe diz que o seu tempo chegou. Fazendo-se portador de uma certeza o chama a si para caminhar além. Então ele se reconhece nela e se enamora. Tudo isso pode ser feito de forma enganável. Quem deseja fazer enamorar um outro sem estar enamorado? Em primeiro lugar, o tipo de pessoas que desejam enamorar-se para enriquecer a sua vida quotidiana. Estes procuram uma resposta, temem não tê-la e, por isso, na contínua tentativa de 'sedução', podem obtê-la de quem está na necessidade interior de dá-la. Tem aquele que o faz por dinheiro. O que sucede depois, quando o enamoramento é adiado, quando há quem ama e quem, amado, não ama porque na verdade nunca amou? É o caso do namoro unilateral, feito engano. Mas em geral isso é desmascarado com o tempo. O namoro é constituído por provas, e quem fez enamorar o outro – porque queria enamorar-se, ou pelo gosto do poder, ou porque desejava uma pessoa totalmente disponível – logo se cansa ao aparecerem as provas. O outro se cansa também com o contínuo pedido "você me ama?" em formas que não sabe dar resposta. E aparece o engano.

Quando nos enamoramos de alguém, em certo sentido, a nossos olhos ela se torna perfeita porque nela encontramos o que sumamente desejável. Mas também não, porque não aceitamos todo seu projeto. Às vezes naquilo que nos diz está uma verdade profunda à qual não teríamos chegado sozinhos; como se nos abrisse uma perspectiva nova. Mas não é sempre assim, porque em outras vezes não estamos de acordo e procuramos explicar longamente nosso ponto de vista e convencê-lo. Nenhum dos dois enamorados é a perfeição aos olhos do outro, nenhum é o depositário da verdade. Mas cada um, aos outros do outro, é a mediação para chegar à verdade e a verdade, na experiência do enamoramento é algo acessível. Quando a outra pessoa nos abre uma janela sobre nosso ser dizendo-nos algo importante. Ela vê de outro ponto de vista o que nós também tínhamos observado, mas sem ver e sem entender. As nossas duas perspectivas olham a mesma realidade e verdade que nos é, em grande parte, desconhecida, mas está diante de nós, conhecível. O que o namoro tem a mais do que a vida cotidiana, é a certeza que a verdade é atingível e que cada problema, mesmo que não o tenhamos encontrado, tem uma solução. Nenhum dos dois é perfeito nem infalível e absoluto. Mas, no encontro realiza o máximo possível a capacidade de ver e de entender. É o que o aproxima da verdade. O grupo, no estado nascente – de par ou de grupo – não é, portanto, o absoluto, mas o caminho para ele, a forma de aproximar-se dele, a janela pela qual se divisa o ser. Como no namoro os outros são todos reduzidos a uma única pessoa – a amada – ela se torna, então, ela se torna aquela através da qual se manifesta a verdade.

Esta abertura para a verdade das coisas não depende de um grande grau de inteligência, de uma extraordinariedade da pessoa amada. Há observações, julgamentos, avaliações que se outro a tivesse feito, nunca as teríamos considerado, e até as consideraríamos erradas. Quando as faz a pessoa que amamos temos logo a mesma impressão. Mas depois refletimos e vemos seu valor, pois não é uma subjetividade qualquer e vemos que o mundo é "também" assim. É este o caminho do qual vem uma compreensão profunda porque cada qual vê reconhecida a própria autêntica perspectiva subjetiva e sente apreciada sua subjetividade. No namoro assume um valor universal: o

que ele vê tem o mesmo valor daquilo que eu vejo. Ambos são perspectivas sobre o ser, cujo conhecimento é enriquecido. O namoro é a abertura ao ser da perspectiva subjetiva, ao passo que o amor é seu custódio. Ficamos incapazes de julgar? Não. Os pais captam o que se passa com seu filho amedrontado ou maravilhado, mas sem sentir o mesmo. Também Deus pode, ele que é infinito e onisciente, amar o ser humano que é finito e capaz de erro? Do ponto de vista do namoro, não. Os dois namorados não podem admitir que o outro, o amado, esteja em grau inferior a ele mesmo; não pode ser superior porque é a porta através da qual chega à verdade.

Deus não se pode enamorar do ser humano que lhe é infinitamente inferior. Mas, o enamoramento é também a estrada através da qual aquilo que é subjetivo adquire um valor em si, e no amor é esta a experiência dominante. No amor cada um conhece as fraquezas do outro, mas – mesmo considerando-as fraquezas – as entende, perdoa ou aprecia. Aprecia-as, por exemplo, quando são expressões de altruísmo, generosidade, entusiasmo, todas coisas que podem provocar confusão na vida quotidiana mas que, na ótica dos valores, são virtudes. Disso segue que Deus pode amar o ser humano – sobretudo se for virtuoso, desinteressado. Esta referência teológico-religiosa confirma porque se mantém diferenciados os dois momentos do enamoramento e do amor, mesmo reconhecendo toda uma série de pontes e estadas que os aproximam e fazem do amor um ponto de chegada do namoro.

Em geral se diz que o namoro se aplica aos adolescentes e jovens, não ao homem maduro, à mulher casada e com filhos, ao político austero, ao bispo. Acontece entre os artistas porque eles, no fundo, conservam alguma coisa da superficialidade e da irresponsabilidade da adolescência. Mas não somente o enamoramento, mas também a paixão política, o entusiasmo por uma fé, as aventuras... estão ligadas à juventude. Como a rápida mudança do humor, a rápida passagem do entusiasmo ao desespero e depois novamente o entusiasmo. Crises místicas e crises políticas, denúncia da hipocrisia do mundo, afirmação de uma justiça absoluta, esperança num mundo totalmente bom e, ao mesmo tempo, decepção profunda, amargura, desespero. Quase todas as características do estado nascente se encontram concentradas na adolescência. *A adolescência é a etapa da vida na qual o estado nascente é mais frequente.* E entende-se porque: a adolescência é o período de passagem da infância e da família infantil ao mundo adulto em toda a sua complexidade. Se o estado nascente é uma separação daquilo que estava unido e um unir ao que estava separado, não há nenhuma idade como esta na qual esta obra deve ser feita. Separar da família, do mundo dos valores, das emoções e das crenças infantis e unir a outras pessoas a amar, mas também aos partidos, aos grupos, à política, à ciência. A adolescência é a idade do contínuo morrer e renascer ao outro, do contínuo experimentar as fronteiras do possível. Por isso aparecem na adolescência rápidos enamoramentos, um contínuo unir e separar num suceder-se de revelações e decepções. Até se diz que é inapropriado para outras etapas da vida. E se um homem adulto se enamora, se a mulher com filhos ‘perde a cabeça’, então se diz que se comportam como ‘criancinhas’. Fazem coisas que não se aplicam à sua idade, a seus deveres. Aquilo que está permitido na adolescência – isto é, distanciar-se da família – aqui é proibido. Já não se deveria separar de uma instituição (família). O rapaz deve fazê-lo, e nas outras idades não. A criança deve deixar seus brinquedinhos; o adulto já ‘chegou’, já atingiu um *status*, está num ‘lugar’ e ali deve ficar. O estado nascente rompe a instituição consolidada para criar uma outra solidariedade

alternativa. Independente de qualquer forma que se apresente, como namoro, como grupo religioso, como grupo político, enquanto é 'coisa de jovens' é tolerado, mas se torna temível se acontece no adulto. Assim, o primeiro fundamental mecanismo de controle é declará-lo inapropriado, que o adulto se comporta como uma jovem.

A instituição tem horror do estado nascente. É a única coisa que teme porque é a única coisa que a sacode em seus fundamentos. Por isso ninguém o espera; é de outra lógica e incompreensível. Ataca as instituições em nome de seus próprios valores acusando-os de hipocrisia. É algo fanático. Diante do estado nascente, mesmo o mais pequeno, a instituição é sacudida em suas certezas. Todos os mecanismos sociais, toda a sabedoria da tradição têm um só objetivo: torná-lo impossível. O noivado, a separação, o divórcio, o modelo do amante, a vingança, o matrimônio... são todos pontos de chegada institucionais daquele particular tipo de estado nascente que é o namoro. Mas tudo isso vem depois. No começo não existem estes caminhos. O namoro nem é reconhecido como tal. Um homem adulto enamorado de uma menina é grotesco, ridículo, provoca risos e ironias. Às vezes se diz que, neste caso, é pura sexualidade, sexualidade reprimida; desafogo sexual. O namoro é reduzido à sexualidade porque a sexualidade não tem um objeto único, exclusivo. Por isso é pouco temível. Quando fica claro que a relação é forte, a cultura diz que o enamorado vê no outro um absoluto de perfeição, sem defeitos, sem incertezas, atribuindo-lhes propriedades do delírio.

Ao mesmo tempo a cultura se declara certa que o amor não será correspondido. "Pobre iludida", comentam as amigas ou as mães ou os pais, "como deixou a outra, deixará também a você". São formas egoístas de ver. Se o amor é um abrir-se ao mundo que aparece belo e feliz, é um abrir-se aos outros, percebidos como amigos.

A cultura atual procura impor as suas dicotomias: ou queres bem sempre ou não queres bem nunca; ou é um absoluto ou um como os outros; ou sempre unidos ou sempre divididos. O namoro é um ato de libertação. E a liberdade é vivida não somente em não depender laços, mas como direito de não dever depender das conseqüências de decisão passadas consigo ou com outros.

Se não vem continuamente revitalizada pelo estado nascente, a instituição se torna desumana, reduz os homens a coisas.

Passagem do namoro ao amor.

Como se passa do namoro ao amor? Através de uma série de provas. Provas que nós colocamos a nós mesmos, que colocamos ao outro, provas que nos são impostas pelo sistema externo. Algumas destas provas são cruciais. Se forem superadas, o namoro continua no regime de certezas quotidianas que chamamos amor. Se não forem superadas, aparece outra coisa: a renúncia, a petrificação ou o desenamoramento. Não importa aonde vão as coisas, as provas, em geral são esquecidas. Se o namoro fica amor, as provas que aparecem, retrospectivamente, leves, quase uma brincadeira. A passagem ao amor vai enchendo pouco a pouco os espaços do quotidiano através da dedicação, do cuidado e atenção. O entusiasmo se apaga docemente numa amorosa dedicação ao outro. Na realidade, esta serenidade é sempre o produto de situações dramáticas nas quais, até o último momento, não se conhece o resultado.

As provas também são esquecidas quando o namoro não continua, quando um ou o outro, ou ambos, não superam as provas que se colocaram. Neste caso não se lembra que foram colocadas provas, mas somente que o outro não nos amou o suficiente, que nem nos amava.

Quando as provas são superadas, projetamos para trás, em nossa lembrança, a continuidade do amor que vivemos. Quando não são superadas, projetamos para trás a continuidade do atual desamor.

O namoro é um suceder-se de **provas**. Em primeiro lugar, as provas que impomos a nós mesmos. As *provas de verdade*. Uma experiência típica do namoro é poder “saciar-se” do outro. Estar enamorados é também resistir ao amor, não querer ceder ao risco existencial de colocar-se completamente nas mãos do outro. Procuramos a pessoa amada, mas também desejamos não nos importar. Muitas vezes, nos momentos de felicidade, dizemos: “Atingi o máximo que jamais poderei obter. Agora posso perdê-la e voltar a ser como antes, levando comigo unicamente a recordação; obtive quanto quis, e agora basta”. Obter o máximo possível e depois ignorar é a fantasia da saciedade. Até certo ponto conseguimos abandonar-nos totalmente só porque pensamos que seja a última vez. Esta ‘última vez’ se torna um novo início e a necessidade de um novo início. Cada vez que nos re-enamoramos e a pessoa amada se nos impõe como o único objeto autêntico do Eros. É uma luta contra nós mesmos que perdemos e precisamos render-nos.

Para poder distanciar-se, vamos em busca de motivos para fazê-lo. No comportamento do outro procuramos tudo o que justifica nosso distanciamento: sinais que ele não nos ama verdadeiramente, sinais que ele não nos ama como nós o amamos, motivos para não crer que ele possa amar-nos no futuro. O sentido de todas estas coisas é o nosso medo de abandonar-nos sem alguma garantia de reciprocidade. As provas de verdade são provas dirigidas a nós mesmos para saber se amamos ou não, para saber a verdade.

Mas, tem outro tipo de provas que são perguntas feitas ao outro e nas quais pedimos que mude, de fazer coisas que ele não teria feito. São as *provas de reciprocidade*. No namoro nós reorganizamos ao redor da pessoa amada todos os nossos afetos precedentes, nosso trabalho, toda nossa vida. Querer juntos as coisas que cada um quer, significa mudar, separar-se das coisas que antes queríamos, às quais dávamos importância. O que virá integrado no novo amor e o que será separado não é estabelecido a priori, mas é produto de uma contínua exploração recíproca. Cada um quer integrar em seu amor o mais possível e elabora um *projeto* que não coincide com aquele do outro. Ao outro cada qual pede de ver reconhecido o seu projeto. “Você me ama?” também significa: “Aceita entrar no meu amor?”. “Eu te amo” significa: “Modifico o meu projeto, venho a seu lado, aceito seu pedido, renuncio a alguma coisa que queria, quero junto a você o que você quer”. “Você me ama?” peço que você mude, e o que você vai renunciar? O projeto de cada um envolve o outro: é um projeto de vida também para o outro: é a proposta daquilo que se deve querer juntos. Mas há coisas que não se quer juntos, coisas incompatíveis. Algumas mais leves que se pode renunciar com facilidade, outras que se podem adiar, outras que são essenciais. A busca daquilo que deve ser querido por ambos comporta um contínuo fazer e refazer projetos, um contínuo procurar outros caminhos. Mas também um contínuo encontrar pontos aos quais não se pode renunciar porque se não se realizam o amor também perde sentido: são os *pontos de não retorno*. Nos projetos estes pontos essenciais se representam sempre como os nós insolúveis que o outro precisa aceitar fazer seus, inserir estruturalmente em seu projeto, caso contrário não tem lugar real para mim com toda a riqueza de minha vida. Ele diz amar-me, na realidade não tem lugar para o meu eu real em seu mundo imaginário. Há uma parte essencial de mim que pede ser reconhecida e

aceita. Cada qual pede ao outro renunciar a uma parte essencial de si, àquilo que o torna plenamente capaz de amar. Pede-lhe destruir a sua humanidade concreta, de desumanizar-se.

Deus pede a Abraão a prova da desumanização: deverá matar o que mais ama, seu filho primogênito, Isaac. É o dilema: a escolha entre duas coisas onde não se pode escolher, pois cada uma comporta a desumanização. A passagem do namoro ao amor requer sempre amar alguém que pode tornar-te um criminoso. Amar significa ter confiança em quem age de tal modo que é objetivamente absurdo amá-lo. A passagem do namoro ao amor requer que cada qual obtenha a prova de poder ser amado, não obstante desumanize. A prova de reciprocidade é uma luta na qual cada um pede ao outro uma entrega sem condições, a perda de sua humanidade concreta, a única que conhece. É uma luta entre gente que se ama, mas é sempre uma luta à morte. Deus põe à prova Abraão, mas ele também coloca à prova Deus. O que aconteceria a Deus se Abraão matasse seu filho? Não seria um Deus de amor, mas um deus cruel, sanguinário. Também Moisés é colocado à prova por parte de Deus quando lhe pede de jogar-se nas águas do Mar Vermelho; também Deus é colocado à prova, pois não pode dizer “jogue-se” para depois deixar que as águas tragam seu povo. Abraão está por matar seu filho, mas Deus não exige o sacrifício. Ambos superaram a prova. Ambos quiseram demonstração, e cumpriram uma renúncia essencial, ambos encontraram e reconheceram um limite insuperável. O amor se torna possível somente quando o ponto de não retorno do outro é assumido como limite autêntico. Quando isso acontece, tem-se o *pacto*. Cada um saberá que o outro não lhe pedirá o que não pode pedir. Esta certeza constitui o ponto seguro da confiança mútua: *a instituição de reciprocidade*. Sei que amo e não posso não amar, sei que tenho um limite que não posso não ter, e aceito.

O amor, portanto, surge ao redor de uma *instituição*, ao redor de um pacto. E este surge ao redor de um limite, o reconhecimento que nem tudo é possível, mas que há o impossível. O processo deste amor não acontece uma vez, mas cada vez que a pessoa encontra o desespero e termina num pacto. As novas certezas se tornam os pontos de partida para reorganizar a existência quotidiana. Não há regras para saber se um namoro se converte em amor. Não há regra para saber se o dilema é insolúvel ou não. Os planos de vida podem ser tão diferentes que não admitem compromisso. Cada um exige a desumanização do outro: se a obtém perde-o, se não a obtém perde-o igualmente. Isso é tanto mais provável quanto maior for a diferença. O namoro mais intenso é aquele que coloca em mais existência, mais riqueza, mais responsabilidade, mais vida. O namoro é uma revolução. Muitas vezes se enamoram duas pessoas das quais uma leva uma grande riqueza de existência e a outra uma grande possibilidade de mudança, porque tem menos vínculos. É o caso de uma pessoa casada e de uma não casada, de um adulto e de um jovem.

O namoro é uma explosão do possível a partir do impossível, é uma tentativa que o imaginário impõe sobre o existente.

Em geral, no namoro não tem **ciúme**. O que significa quando aparece? No namoro descobrimos alguma coisa que vale mais do que qualquer outra coisa; descobrimos amá-la e querê-la na sua individualidade, nas particularidades de seu ser. Sentir-se correspondido significa que tem valor. E o tem porque a pessoa amada o dá. Ninguém imagina ser nem o mais belo, nem o mais inteligente do mundo. Nenhuma de nossas virtudes, medidas com o metro do mundo, nos torna preferíveis aos outros. E nós que-

remos bem a nós mesmos, nos apreciamos porque sentimos que, no profundo, *em nós tem um valor, uma unicidade insubstituível*. No namoro esta unicidade é reconhecida. O amado, amando-nos, ama esta nossa inconfundível unicidade. Mesmo quando nos pede mudar reconhece a nossa unicidade e a mudança que nos pede é somente uma nova expressão desta unidade, um passar da potência ao ato. Como encontramos no amado um aspecto particular, um detalhe na boca, um perfume que usa, a forma do seio, a curva das pernas, as mãos, o modo de olhar, certo trajar, as coisas que lhe agradam, os livros que lê, assim ele encontra alguma coisa em nós que simboliza cada coisa mais bela. E isto nos torna felizes. Se nosso amado também aprecia outras coisas: viajar ou ficar em casa, contemplar ou falar, procuramos apreciá-lo com ele, vê-lo com ele. *O ciúme* é a interrupção deste processo, seu voltar para fora. Ciumento é aquele que se dá conta – errado ou certo agora não interessa – que a pessoa amada por ele encontra em algum outro algo da mesma natureza daquilo que ele encontra nela: uma particularidade ou um gesto, uma habilidade ou uma qualidade. Ele me diverte, consegue que me alegre, ele é belo, é jovem, ou ele é inteligente. O ciúme se apresenta como descoberta que a pessoa que amamos é atraída, fascinada por alguma coisa que eu não tenho e que alguém outro tem. ***Nunca se é ciumento de uma coisa, ou de um animal, ou de uma profissão, mas somente de outra pessoa.*** Outra pessoa que, a nossos olhos, tem algo que exerce um fascínio irresistível sobre aquela que amamos. Atração irresistível igual a que exerce sobre nós e que nós, se nos amasse completamente, exerceríamos sobre ele. Ciúme é descobrir que o amado depende, para a realização de seus desejos, de alguma coisa que outro possui e nós não; que o outro, não nós, dispõe de alguma coisa que tem valor para ele. O ciúme se revela também como fraqueza da pessoa amada, em relação a coisas que não deveria ter valor, mas que para ele, têm valor. Por exemplo, está fascinado pelos pilotos de fórmula 1. Eu que não sou, descobri que exatamente através do namoro que ser piloto não tem valor (e não pode ser porque não sou piloto), inverte o relacionamento. A propensão da pessoa amada para algo que não tenho, para algo que não deveria ter valor, tira valor do que sou e anula completamente meu valor. O namoro é invadido por algo do externo, de um poder alheio que anula os critérios de valor. Por isso anula o namoro como fato bilateral. Por isso, o ciúme não pode existir no namoro bilateral, porque não pode haver nada, no exterior, capaz de exercer uma atração deste tipo. O mundo externo é contingente e não pode prevalecer sobre seu real, o efêmero não pode prevalecer sobre o ser. No estado nascente não pode haver valor externo superior aos do amado, da amada. No amor bilateral os interesses do amado e seu correr ao encontro de coisas, sua gentileza com as pessoas, seu sucesso, se tornam qualidades que o tornam amável, confirma seu valor e sua sinceridade, transparência, seu ser como é. Somente quando esta atividade, este encontrar outras pessoas, aquele sucesso... se tornam obstáculo ao encontro dos planos de vida, sinais de uma divergência de projeto, então sim adquirem um sentido negativo. Mesmo neste caso não tem ciúme. Tem tristeza porque nos sentimos desconsiderados, porque nossas questões caem e o futuro aparece como impraticável, porque precisamos escolher mudar. Mas estamos no campo das provas e não do ciúme.

Se o ciúme aparece no namoro, então significa que um dos dois, na realidade, não quer enamorar-se ou não está enamorado. Se o ciúme é sem motivos – porque o outro realmente está enamorado – então o ciúme significa nosso medo, nosso não querer amar, nosso não querer crer, nosso não querer abrir-se à confiança do estado nascente.

te. O amado, na realidade, não encontra nada de irresistível no outro ou nos outros; eles não têm poder sobre nós. Nós percebemos este poder porque não temos confiança em nosso eu, não acreditamos no valor de nossa individualidade. Nós, não ele, fazemos comparações com o mundo, nós – não ele – aceitamos como critério de valor o que pertence ao não valor e à contingência. Há pessoas tão inseguras de si mesmas, tão dolorosamente provadas pela vida que não conseguem crer que são capazes de valer como indivíduos. Participam de experiências extraordinárias do estado nascente, mas não crêem que são objeto delas. O carisma está em outras pessoas, somente em outros. No ciúme reconhecem somente nos outros o que não podem reconhecer em si.

Mas existe o caso do namoro unilateral quando há o caso daquele que ama verdadeiramente e daquele que não ama. Aquele que não ama pode estar atraído de alguém outro, de alguma coisa que alguém outro tem e que aquele que ama não tem. Mesmo neste caso, no início, a pessoa enamorada não experimenta ciúme. Já que se encontra no estado nascente não pode entender que a outra pessoa tenha alguma coisa de valor aos olhos de seu amado: para ela o mundo permanece contingente. Sente que a pessoa amada está atraída por algo que não tem valor, que deseja algo que não tem valor. Mas, exatamente por isso não faz muito caso, tende a desconsiderá-lo até o momento em que se põe o único problema que conta: aquele que amo me ama ou não me ama? Se preferir ele a mim, então quer dizer que não me ama. Terá por mim afeto, ternura, gosta de minha companhia, meu corpo ou minha inteligência, mas não me ama. A força do estado nascente ainda está vivo; não duvida das qualidades de seu amor e, por isso, também de si mesmo; duvida da qualidade do amor do outro e precisa escolher continuar a amá-lo sem esperança ou procurar não amá-lo: distanciar-se dele mesmo sabendo que ainda o ama, e enfrentar o terrível período da perda do objeto de amor: o **suicídio psíquico**. Primeiro procurará lutar, conquistá-lo com o fascínio, com o canto, com todo tipo de cuidado e dedicação, mudando a si mesmo de todo jeito, mas quando entendeu que o outro não o ama, não pode empunhar a espada da separação. A força que lhe resta permite-lhe cortar-se as mãos que se estendem na direção do amado, de cegar-se os olhos que o procuram em toda parte. Pouco a pouco, por não desejar que amor, deverá encontrar nele razões para des-enamorar-se, deverá refazer o que viveu investindo de ódio tudo o que houve. O ódio será sua tentativa de destruir o passado, mas é um ódio impotente. O passado se tornou o “assim foi” inacessível à vontade. Com a escolha do abandono, as forças extraordinárias do estado nascente cessam de operar. Teve que cumprir a culpa absoluta que consiste em destruir o que é o fundamento de todo valor, de toda esperança. Então cessa nele todo desejo, e o eu, que perdeu a dimensão ontológica, é rechaçado no universo das aparências. Nada mais tem valor nem sentido. Para agir somente pode copiar os gestos dos outros, os gestos quotidianos assim como os vê, repetir o que sabe, ter sentimentos que tinha aprendido, dizer palavras separadas do conteúdo: é a **petrificação**. Um único sentimento verdadeiro, profundo, e que tem um profundo caráter doloroso de autenticidade é a **nostalgia**, a nostalgia de uma realidade perdida. Para defender-se é obrigado a combater com o passado, alimentar em si o ressentimento e o ódio. Tinha conhecido o bem, o ser que diz ‘sim’, e agora o mal era somente não-ser. Agora precisa *construir o mal como ser*, o ser que diz ‘não’, o mal como potência do negativo.

Chegamos ao último problema: Uma pessoa que está enamorada de outra será mais dolorosamente ferida se esta lhe diz que se enamorou ou simplesmente, que lhe agra-

da alguém outro, ou ninguém em particular, mas que a prefere no lugar dela. Não devemos esquecer que a estrutura categorial do estado nascente é a mesma mesmo que o objeto de amor é outro. Por isso, a pessoa enamorada é levada logo a reconhecer-se em outra pessoa enamorada, mesmo se esta a deixa por outra. Ela entende em profundidade o seu amor e, por mais que lhe dói, respeita-o. O fato através do qual a perde tem para ela as características da necessidade ontológica. Sabe que já não está mais em jogo nenhuma vontade. Pensará no suicídio para libertar a si mesma e o amado de um peso intolerável. Se tiver outras pessoas amigas fará a escolha de viver doando-se a favor daqueles aos quais quer bem. Na impossibilidade de dar vida ao novo, de obter alguma coisa por si, procurará dar alguma coisa da vida que recebeu deles. Neste momento ainda está inscrita na energia extraordinária do estado nascente, tem em si, mesmo na angústia do impossível, uma força oblativa extraordinária. Quer a felicidade daquele que enamorou e se retira para deixá-la; quer a felicidade de quem ama e doa a si mesmo por eles. A força extraordinária lhe consente o último ato heróico: *dar a alguém outro a origem da sua vida e da sua esperança*. Depois a energia extraordinária desaparecerá e entra a petrificação.

Outro exemplo: uma pessoa diz improvisamente: “Em vez de ter relações sexuais com você, tenho com qualquer pessoa que passa”. Isso mexe com o fundamento de seu amor e de seu valor. A pessoa é invadida por uma tristeza infinita porque tudo o que tem valor é negado, e tudo o que não tem valor é exaltado. Aquilo que era sagrado se volta contra o sagrado faz o sacrilégio mais infame. Nenhum amor pode terminar pior porque as fases dolorosas da petrificação e do ódio já não podem ser nostalgia da pessoa, mas somente do estado de amor como algo pantanoso que permanecerá indigno para sempre.

O ciúme, ou seja, não conseguir dar ao amado alguma coisa que alguém outro pode dar-lhe é tanto mais provável quanto maior for a distância entre as duas pessoas, quanto mais seus mundos e seus costumes são diferentes. Mas há casos nos quais o ciúme aparece porque o próprio namoro é um limite que nenhum dos dois pode superar. Por exemplo, o namoro homossexual: a fenomenologia do namoro homossexual é idêntico em tudo ao do namoro heterossexual. As categorias do estado nascente são as mesmas. Lendo um escrito de amor, portanto, não se pode saber se é homossexual ou heterossexual, porque a natureza do namoro é idêntica. Ronald Barthes – ele é homossexual – escreveu *Fragments de um discurso amoroso* toma seus exemplos e sua linguagem da literatura universal sobre o amor e fala diretamente a qualquer pessoa enamorada. No namoro homossexual há, contudo, algo que torna mais difícil a passagem à instituição, isto é, ao amor. De um lado as resistências da sociedade, da cultura e seu desprezo. O namoro heterossexual é uma figura reconhecida de movimento. A cultura prevê, ao menos em certas situações, instituições para assegurar a transição ao amor, por exemplo, o noivado. No homossexual este desprezo é mas severo e reduzido a pura sexualidade animal. A pressão cultural é tão forte que os próprios homossexuais têm um grandíssimo pudor em falar de namoro, e seguidamente são eles mesmos que, como mecanismo de defesa, exageram numa linguagem vulgar. Mas o motivo principal que torna o namoro homossexual mais difícil, e mais atormentado pelo ciúme, é o fato que não pode se tornar amor estável de casal através de um filho. É um namoro que exclui a priori gerar filhos. Ambos podem ter um filho com uma pessoa de outro sexo. O homossexual sempre sente, no fundo, este perigo, este ciúme. Lembremos que a homossexualidade, sobretudo nos jovens, é muitas vezes

uma experiência breve. Aquele que ama este jovem sente que o seu amado, um dia desses, poderá desejar uma pessoa de outro sexo e, sobretudo, querer um filho que ele não lhe pode dar. Isso faz com que o namoro homossexual tende muitas vezes a permanecer assim, namoro, sem conseguir ser amor sereno, duradouro. Tem em si algo de ansioso, de triste, capaz de inspirar – em alguns casos – uma belíssima poesia.

Namoro e experiências esporádicas.

Muita gente acredita que está enamorada, mas na verdade não está. Pode ter forte interesse erótico com ela, horas felizes e depois de certo tempo, perder este interesse, porque no fundo o satisfaz. Ou pode apegar-se a uma pessoa e desejá-la intensamente porque os outros a admiram. A possibilidade de ser amada, aliás, preferida, faz experimentar um desejo e uma embriaguez que ela chama 'amor'. Em outros casos, a situação é uma decepção, um amor envenenado pelo ciúme o que leva a procurar um substituto, alguém com o qual experimentar um novo amor. Às vezes é o desejo de poder, o sucesso, ser admirados e invejados ao lado de uma pessoa rica ou potente. Em outros, é a necessidade de fugir da apatia e banalidade. Especialmente as férias, criando uma ocasião diferente e extraordinária de vida, predispõem a uma experiência extraordinária, mas algo que não pode durar mais do que este tempo de férias. A pessoa admirada e adorada durante as férias, quando volta à vida quotidiana parece desorientada. O namoro é uma revolução da estrutura quotidiana e não umas férias do quotidiano. Às vezes se trata de alguém que vem de longe e fica apenas alguns dias. Já que se sabe que vai partir, pode-se namorar com tempo determinado, sabendo que não terá seguimento. Isso explica por que há tanto namoro desfeito. Na realidade não se tinha nunca enamorada, mas usou a linguagem do amor-paixão, do estado nascente. Estes 'amores' com o namoro a mesma relação que a festa tem com a revolução. A festa é caracterizada por excessos, pela inversão do agir quotidiano, é transgressão, permeada do extraordinário. Mas não incide na ordem social como a revolução. A festa tem um início e um fim prefixados, e tem regras estabelecidas. Tudo o que acontece, desenvolve-se dentro dos limites institucionais.

A proliferação da palavra 'amor' explica também porque são tão freqüentes os encontros nos quais um ama mais do que o outro. Quase sempre o encontro se dá entre uma pessoa que se enamora verdadeiramente (que entra no estado nascente), ao passo que a outra se lança numa aventura pela atração erótica, por admiração, vingança, decepção, prestígio, inveja, férias... mas sem que existam as precondições do namoro. A pessoa enamorada dá ao outro a sua linguagem e arrasta a seu estado. Reforça na outra a ilusão de estar enamorada. A pessoa realmente enamorada tende a atribuir à outra o seu próprio comportamento espontâneo e totalmente sincero. A outra pessoa pode entrar neste jogo. Basta ser afetuosa, dizer pequenas mentiras. É tão fácil confirmar quem está realmente enamorado.

Se aquele que ama é um espírito criativo, suas criações do imaginário no qual continuamente a existência é transformada em fantasias, símbolos, poesia... lhe dão a impressão da megalomania e do artifício. Numa palavra, quem não ama acha que a pessoa verdadeiramente enamorada é inconstante, ansiosa, exagerada, insincera. Se lhe quer bem propor-lhe-á o seu projeto de vida de modo linear, ignorará as dúvidas, os dilemas e considerará os mesmos como ruins.

Há também casos nos quais se tinha realmente iniciado o namoro bilateral. Então, aquele que se des-enamora é aquele que, no silêncio, tinha elaborado um projeto pró-

prio e, sempre no silêncio, tinha colocado 'provas' e tinha considerado como tendo sido provas as solicitações do outro. Uma vez que tudo era levado *em silêncio*, o outro não as entendeu nem tinha entendido seu alcance. Silêncio aqui significa não somente não dizer a natureza do projeto, as dúvidas, não revelar os próprios pensamentos, mas, sobretudo, não revelar o próprio *desespero* quando aparece o ponto de não retorno. Aquele que ama, na verdade, se dá conta que o amado encontrou um ponto de não retorno de seu desespero. E então se detém. Mas há pessoas que vivem os próprios sentimentos como uma fraqueza. Revelar a própria angústia, desespero... significa para eles colocar-se à mercê do outro. Sendo colocado num ponto de não retorno, não dizem, não explicam, não solicitam, não se desesperam.

O amor do outro, amor sincero e profundo e sempre mais desesperado é usado para reforçar a si mesmo ao ponto de não precisar mais do outro. Isto é, em síntese, o verdadeiro 'desenamoramento'. A tentativa de distanciar-se se realiza, as provas da separação são colocadas e se fala abertamente. E sobre a pessoa amada é exercido um poder amargo de vingança. Quando, desesperado, entenderá e se separará, para ele será a petrificação total. O 'desenamorado' estará livre.

O namoro pode terminar na banalização. Isso deve-se à necessidade de fusão e de individuação; procurar o que é essencial em ambos, mas os dois projetos individuais são diferentes e se desencontram. O namoro se alimenta desta tensão do diferente que deve fazer-se único. Os namorados querem realizar o que de mais profundo há neles, e ao mesmo tempo fazê-lo juntos. Neste encontro-desencontro de projetos um dos dois pode ter dentro de si algo que outras vezes já procurou realizar e fracassou. Ao retomá-lo despertam nele também as ansiedades, os mecanismos de defesa, os medos que já encontrou. Ele quer, mas ao mesmo tempo teme e procura cercar-se de toda precaução. Quer a diversidade do outro porque é exatamente isso que o atrai como alternativa de vida nova, mas ao mesmo tempo procura limitá-la para sentir-se seguro. O amado é sempre força vital livre, imprevisível, polimorfa. A graça é o milagre que uma criatura semelhante se torna amável em relação a nós e nos ame. O amado atrai, é agradável exatamente por ser força livre e libertadora, mas também imprevisível e temível. É então que, no processo das 'provas' que levam ao amor, tantos e tantos limites, tantas e tantas pequenas renúncias para torná-lo dócil, seguro. O outro, pouco a pouco, as aceita. Tinha amigos e renuncia a sair com eles, viajava e fica em casa, amava sua profissão e a descuidava para dedicar-se ao amado. Para não perturbar o amado, insensivelmente tira de si tudo o que possa perturbá-lo. São tantas pequenas renúncias, nenhuma grave, nenhuma que supera um ponto de não retorno. Renuncia de boa vontade, muda seu comportamento porque deseja que o seu amado seja feliz, procura tornar-se como ele quer. Pouco a pouco se torna *familiar*, disponível, sempre pronto, sempre reconhecedor. Assim fazendo, o animal selvagem se reduz a um animal doméstico.

A necessidade de banalizar o outro, tirar-lhe a especificidade e a diversidade, arrancar-lhe as forças vitais também existem na mulher como no homem. Aprendeu-o do homem. Forçada se tornar animal doméstico, para defender-se não pôde fazer outra coisa do que impor ao homem sua própria sorte. A insegurança profunda lhe faz procurar seguranças fáceis, controláveis e não há nada de mais fácil e de controlável de quem não tem mais ímpetos vitais, de quem repete o idêntico. Disso resulta muitas vezes que os dois, tendo querido viver intensamente, resvalam rapidamente para o desgosto.

to, o rancor e a decepção. Pensam que vão encontrar o “viver feliz e contente” que não há. Depois ficam decepcionados e cultivam na fantasia o que tinham em mãos e o destruíram.

Esta é, talvez, a forma mais freqüente com a qual um namoro se apaga pouco a pouco. Mas há outros. Uma deriva do fato que alguma coisa que é belo no extraordinário se torna insuportável no cotidiano. Muitas pessoas se enamoram de alguém que é socialmente apreciado: um cantor, um pianista... No pianista o extraordinário está no sucesso musical, no mundo que está ao redor desta atividade, o mundo do espetáculo, algo socialmente extraordinário. Viver com um pianista é, contudo, outra coisa. E assim vale para profissões semelhantes, porque na intimidade eles são feitos de disciplina, provas, pela busca continua de um olhar, de um resultado, de uma perfeição. O público não vê isso, nem o namorado o vê no início. Por isso, a decepção é muito fácil. Alguns homens, por exemplo, são atraídos por mulheres muito ativas, brilhantes... e depois descobrem que ficam dominados por elas. Outros se enamoram de mulheres maternas, solícitas que cuidam deles como de uma criança. Depois se sentem controlados como crianças. Muitas mulheres ficam atraídas por homens gentis e que depois se mostram fracas; outros por homens rudes que se mostram violentos. O excesso, tomado como extraordinário, mostra-se excesso logo em seguida.

Outra pergunta: é verdade que aquele que se enamora mais facilmente de quem oferece resistência, de quem se faz desejar? É verdade que, devendo escolher entre duas pessoas, não escolhe que nos ama e se enamora de nós em vez daquele que nos foge? É uma idéia muito difundida que em parte corresponde à verdade, mas só em pequena porção. Sua verdade está nisso: que o namoro procura o diferente e o extraordinário. Uma pessoa que quer namorar dificilmente se enamora de outra pessoa que está enamorada dela e a corteja; já a conhece, já explorou esta alternativa. Por isso, o estado nascente como exploração do possível não pode reconhecer-se nela porque já faz parte do passado, da contingência. Poderá escolher esta solução somente ficará desiludido em sua busca, se não for correspondido. Só então voltará a seu passado refugiando-se naquela pessoa que já o amava, seguro de encontrar nela aquela disponibilidade e compreensão que não encontrou na outra.

Um último caso de namoro que se apaga: é o caso no qual alguém superou, talvez sem dar-se conta, um ponto sem retorno. O único sinal é uma rebelião interior, o desespero, antecipação da petrificação. Pode ser que o ponto de não retorno fica escondido. Uma senhora, por exemplo, que trabalha, que gosta de sua profissão e o homem que ama lhe pede deixá-la porque, por seu trabalho, tem necessidade de deslocar-se e onde vai não tem trabalho para ela. A mulher pode renunciar esperando que, logo mais poderá retomar o trabalho. Ele pode dizer-lhe que se trata de pouco tempo e depois tudo mudará. A mulher deixa seu trabalho, sua profissão e acompanha seu homem e, depois, se dá conta que aos poucos não tem mais interesse, não ter mais estímulo vital e desejar ainda o que deixou. Seu namoro se apaga.

Às vezes é a vida que provoca tais situações. Uma mulher pode ter desejado muito ter um filho, mas para não destruir seu amor, pode ter renunciado adiando-o para outro momento. Mas depois sucedem outros fatos: morre seu pai, sua mãe e se dá conta que está envelhecendo e se dá conta que ter filho adquire novo valor. Ter um filho significa destruir a morte. Aquilo que fora adiado – ter filho – agora se torna elemento essencial do projeto. Isso repercute em seu projeto de amor.

É possível alguém permanecer enamorado de outra por anos, ou por toda vida? Sim. É possível que duas pessoas permaneçam enamoradas por anos ou por toda a vida?

Sim. À primeira vista parece impossível porque o namoro é um estado de transição que ou desaparece ou se institucionaliza ou se extingue. É o caminho normal. Mas há casos excepcionais nos quais o projeto se faz projeto de conservar o estado nascente, no qual a pessoa continua a amar apaixonadamente a outra mesmo se esta é inacessível, ou mesmo se já morreu. Exatamente porque é inacessível e não houve rejeição, o namoro pode continuar no imaginário. Se houve rejeição, então não pode acontecer. Então a consciência é forçada a combater contra o passado. São os casos nos quais um fato externo colocou um obstáculo intransponível. Cada qual vive no coração do outro. O amor se torna o lugar interior da regeneração, um jardim de rosas no meio do deserto, onde a alma sacia a sua sede e pode voltar ao mundo. Tudo isso é muito próximo ao misticismo. A Divina Comédia é, na verdade, um grande poema místico, onde a mulher amada se torna a companheira e a guia da viagem mística para Deus. No misticismo puro desaparece esta figura de mediação e o amor é dirigido diretamente a Deus. Mas não é raro que, na realidade, esta figura de mediação exista. O relacionamento de Santa Clara e de São Francisco tem todas as características de um namoro transferido (ou sublimado) na divindade.

O amor místico permanece namoro porque com o Amigo ou Amado divino não é possível nenhum pacto de reciprocidade. Um pode somente amar, o outro somente ser amado e a sua resposta, que não pode ser garantida, é sempre “graça”. Por causa desta assimetria total, desta insuperável distância, o amor místico é sempre revelação do ser como amor e em relação ao qual tudo é contingência. Exatamente por causa desta distância o que nos chama a atenção no amor místico é a presença de um contínuo incessante sofrimento que se faz milagrosamente alegria.

O amor místico mostra com clareza o fato que o estado de enamoramento não depende das propriedades do outro. Isso é mera e simplesmente nosso modo de ver (pensar, sentir, perceber, imaginar...), ou seja, um sistema categorial interno à estrutura da nossa mente. Nós não vemos as coisas como são, mas como as fazemos. O amor místico constrói o seu objeto a partir das categorias do estado nascente, e não podendo tomar uma pessoa existente – para transfigurar na imaginação – constrói o seu objeto puro e ideal. A cultura contemporânea diz que isso é um não viver. Mas, por milênios o misticismo foi uma forma de vida muito importante. O objeto, para aquele que o ama, não deixa de ser real. Por outro lado, no namoro é ‘real’ a pessoa amada? Também aqui o amado é produto do imaginário. Somente de um imaginário que se faz projeto, que quer modificar a realidade para realizar-se, encarnar-se no mundo. Mas isso é impossível porque sempre há uma contingência, uma matéria, um conjunto de fatos que é preciso considerar. Toda encarnação é uma perda. Por isso, todo namoro duradouro precisa construir-se no imaginário, e durar no imaginário... mas, requer que duas pessoas renunciem a ver aqui e agora, no concreto, o que desejamos acima de todas as coisas. Quanto mais o namoro quer ser concreto, mais está condenado a terminar. Mas isso vale para qualquer processo de estado nascente. A tentativa de querer tudo e logo no concreto é a origem das mais terríveis experiências de fanatismo. O existente não encarna nunca completamente o real. Pretender que, num certo ponto, se possa realizar o paraíso terrestre é fanatismo. Tudo o que é existente pode ser transfigurado, mas nunca se torna o absoluto, o perfeito, o infalível, a totalidade. O místico resolve o problema anulando o existente, reduzindo-o a pura contingência e separa o real colo-

cando-o como objeto da intuição pura. Permite que as operações mentais do estado nascente construam seu objeto. Pode uma pessoa ou duas continuar por muito tempo neste amor subtraindo-o da encarnação no dia a dia. Essa relação que pode acontecer entre real-imaginário e contingência-existente nos permite avaliar o significado diferente que têm as fantasias nas relações sexuais. Muitas pessoas, quando têm relações sexuais, têm fantasias de estar com outra pessoa ou com diversas, ou com a mesma, mas em situação diferente. Também no namoro a pessoa enamorada faz fantasias e pode fazer fantasias de relacionamentos tidos com outros parceiros. Estas fantasias têm como 'bom' o fato de atribuir à pessoa amada as qualidades de valor do que já foi experimentado.

Pode um namoro transformar-se num amor que conserva, por anos, o entusiasmo do namoro? Sim. Isto pode acontecer quando duas pessoas conseguem levar juntos uma vida ativa e nova, aventureira e interessante, na qual descobrem juntos coisas diferentes ou juntos confrontam dificuldades externas. Não dificuldades grandes, porque todas as dificuldades grandes, no namoro, se refletem no interno, como incompatibilidade de projetos. Há dificuldades que não dependem da vida passada das duas pessoas enamoradas. Neste caso lutam lado a lado por um projeto comum. Isso leva a fundir os dois projetos, o obstáculo é menor e cria uma solidariedade na ação comum. O elemento aventureiro é importantíssimo. O estado nascente é uma revolução da vida cotidiana. As energias extraordinárias do estado nascente dão aos dois enamorados uma força grandíssima para enfrentar o desconhecido e diferente, superando juntos a dificuldade.

Enfrentando uma viagem, uma aventura, um novo trabalho distante, sentem encontrar a força e a solidariedade em si mesmos e somente em si. Sua força surge do fato de estarem juntos, de seu amor. Não há nada que destrói mais o namoro do que a repetição do idêntico, dever reviver experiências já experimentadas encontrado os mesmos obstáculos já conhecidos, já imaginados, já vividos. É o passado, neste caso, que refaz o presente e o futuro. Mas é também verdade que aquilo que é novo para um já foi vivido pelo outro. Então os projetos podem ficar incompatíveis e o namoro termina. A força maior vem quando as experiências novas feitas juntos incidem realmente sobre o registro da vida quotidiana e colocam em ação alternativas reais de existência ou comportam um descobrir, um procurar, um ver com olhos novos em dois, e tudo fica tão significativo que deixa traços duráveis. A "viagem de núpcias" é uma modalidade com a qual as antigas instituições procurar enfrentar esta exigência, ofereciam uma resposta pré-confeccionada. A "viagem de núpcias" é o símbolo institucional destas férias do quotidiano, desta aventura de viver em profundidade a dois. Também a viagem que muitas vezes vem conciliada a dois cônjuges "cansados" é uma tentativa de revitalizar, através de uma ocasião extraordinária, a experiência do extraordinário sufocado e apagado pela banalidade do quotidiano e do acúmulo de decepções.

Que outra coisa é a banalidade do quotidiano a não ser o fracasso dos processos de transformação e de revolução que o estado nascente propunha? O namoro é uma exploração do possível, a pessoa da qual nos enamoramos constitui para nós a modalidade pela qual modificamos radicalmente a experiência quotidiana. Ela, enamorando-se, se torna mais vivaz, mais fantasiosa, mais capaz de projetos, faz entrever uma vida mais rica, mais divertida, mais fascinante, feita de emoções intensas, de coisas maravi-

lhosas, de contínuas descobertas, mesmo que de risco. O cotidiano surge pouco a pouco como renúncia a tudo isso.

A viagem ao externo é somente a ocasião para uma continua viagem ao interior; como a viagem ao interior é continuamente estímulo para a viagem ao externo.

Amor

Aqui neste livro se fala mais do namoro do que do amor. Mas para compreender plenamente o namoro convém acrescentar alguma coisa sobre o amor, deste laço mais estável, duradouro ao qual o namoro tende como portador de um projeto. Na verdade, o estado nascente tende a levar para a instituição e a instituição consiste essencialmente nisso: em dizer, em sustentar que *o estado nascente é tudo realizado simbolicamente e, ao mesmo tempo, é tudo praticamente por realizar*. Na revolução comunista simbolicamente se instaura a libertação total, a sociedade sem classes, a humanidade dos iguais, devendo o comitê decidir tudo na unanimidade, e as eleições mostram que não há divergência. Mas, ao mesmo tempo, o que é realizado não é o comunismo, mas a ditadura do proletariado, uma etapa na direção do comunismo que fica ainda totalmente por realizar. Também a instituição, olhando os dois planos do simbólico e do prático, se autodefine como a chegada de um advento. No centro da instituição há categorias do estado nascente, e sua atuação prática – realizada simbolicamente – é adiada num futuro sempre mais distante, como o dia do juízo final do cristianismo. No plano simbólico, o estado nascente é declarado realizado, os símbolos e ritos pretendem reativá-lo, fazê-lo reviver. O ano litúrgico não é outra coisa do que esta evocação simbólica do tempo divino das origens e dos eventos sagrados nos quais os homens são convidados a participar. Mas as instituições não são apenas ritos, mas são o ânimo dos homens. Por isso, efetivamente reativam os valores originais.

Aquela que chamamos vida ‘cotidiana’ é rica de momentos nos quais alguma coisa se revela, reaparece – não como o eterno retorno, mas como descoberta daquilo que é. Para estabelecer uma ponte entre namoro e estas coisas, é preciso falar algo sobre **dom, presente**. Exemplos em **quatro** casos:

a) Quando dizemos que um relacionamento não é autêntico? Quando a outra pessoa é para nós um meio para obter um resultado, para ter coisas. Muitas vezes fazemos coisas que nem estamos de acordo, unicamente para obter vantagens. Os presentes, os ‘parabéns’ muitas vezes são hipócritas e servis. *Hipócritas* porque procuram dizer: “este presente significa que lhe estimo, que lhe quero bem”, mas na realidade pensamos: “tenho necessidade de você, devo presenteá-lo”. *Servis* porque aquele presente é o reconhecimento de um poder, mesmo mínimo, sobre nós. Os presentes vão em relação aos que estão acima, em relação aos potentes. É uma espécie de dízimo que os fracos se impõem a varo dos potentes. O conjunto de cartões, bilhetes, telegramas, pacotes são a geografia do poder na sociedade. Se o poder muda, muda tudo.

No ano seguinte muitos não receberão. Passou o poder, e ficam esquecidos. Mas o presente hoje significa: “queria esquecer-lhe, ignorar-lhe, apagar da minha vida, mas não posso... um dia não terei mais necessidade de você”. Esta é uma fonte da inautenticidade das festividades. Deveriam ser uma coisa e se tornam outra, deveriam ser o momento do amor e se tornam a celebração de uma homenagem servil.

b) Há outro tipo de presentes e dons. São aqueles que fazemos às pessoas que nos são realmente caras, que sabemos que nos são caras. Nossos pais, nossos filhos, o marido

ou a mulher, nossos irmãos, alguns amigos, algumas vezes alguns que têm poder sobre nós, mas aos quais queremos bem. Em relação a estas pessoas, o presente não é uma homenagem servil: é o testemunho de uma relação que não se dissolverá. Diz: “eu lhe quero bem, continuo a querer bem mesmo que não pareça, mesmo que não me fiz notar como deveria. Não lhe esqueci”. Porque, na verdade, esquecemos. Esquecemos por meses, por anos. Esquecemos os pais, nosso marido ou nossa mulher, esquecemos os filhos, esquecemos, sobretudo, quem está longe, até às vezes quem está próximo. As pessoas que queremos bem, na realidade, não são objeto de uma relação contínua.. Encontramo-las de vez em quando, como acontece com um amigo distante. Não sentimos continuamente a necessidade deles, fazemos às vezes por conveniência, e até lamentando-nos. Contudo, estamos ligados a eles e o sabemos quando os perdemos, se corremos o risco de perdê-los. Quando estão doentes, quando não voltam para Casa, quando podem morrer. Assim descobrimos que são importantes, que têm um grande valor. Mas este valor apenas se manifesta quando há iminência de perdê-los. Nestes momentos o mundo fica dividido em dois: de um lado seu e do outro a *potência do negativo* que se subtrai. Eles são importantes para nós, não pela possibilidade de perdê-los.

c) Há um terceiro tipo de presentes, os dons do amor, como estar namorado, como enamorar-se.

Como sabemos se estamos enamorados? Porque nos enamoramos de novo, porque nos re-enamoramos continuamente da mesma pessoa. No namoro há período nos quais não nos importamos nada daquela pessoa. Depois reaparece, e tudo nela nos comove, tudo é nostalgia. Olhamos para a pessoa e parece incrível vê-la ali. Ela representa nossa plenitude de ser que nos diz ‘sim. Já não há o negativo e sua potência: o ser amado enche a consciência e a torna feliz. Depois de um tempo se dissolve novamente, como se tivesse sido uma ilusão. Depois novamente reaparece. O que se torna o dom, o presente neste caso? Queremos presentear tudo e nos parece que nunca seja o suficiente. Isso porque queremos presentear a nossa melhor parte.

d) Falei do namoro num sentido estreito, mas talvez o amor, mesmo o mais consolidado, se nos apresenta da mesma forma: como enamorar-se, re-enamorar-se da mesma pessoa. Também o amor da mãe (ou do pai) por seu filho. A criança, para a mãe, está presente porque chora, porque tem necessidade, porque pode estar sempre em perigo... Mas em outros momentos aparece como objeto cheio do desejo, como nostalgia, como infinita ternura... Quem perde a esperança de reencontrar, essa pessoa morre. Mas, talvez, a infância está fundada nesta experiência de encontro e re-encontro. A criança pede, se opõe, se torna autônomo, mas de um momento ao outro, quer ser levado pelo braço, acariciado, abraçado; de tarde, para pegar no sono, quer alguém a seu lado; um beijo torna-o feliz. Talvez se enamora cada vez e tem a experiência incrível da plenitude do ser que diz “sim”. A criança também faz presentes. Não a flor que leva para a mãe. Os dons da criança são as suas palavras que amadurece dentro de si e, até certo ponto, diz. Com suas palavras constrói uma porta, uma casa, um castelo no qual o adulto pode entrar porque é uma casa para ele. As palavras da criança são o primeiro canto do amor objetivado, como a verdadeira grande poesia.

Este livro não contempla três categorias de pessoas: a) aqueles que se movem numa esfera utilitarístico-pragmatista; b) aqueles que se movem no âmbito dos sistemas

ideológicos como o catolicismo, o islamismo e o marxismo; e c) aqueles que, neste período estão levando à frente uma crítica ao casal heterossexual, portanto, muitas feministas. Para os primeiros, aqueles que se movem no discurso pragmatístico-utilitarístico, o inteiro discurso é, no fundo, uma insensatez, porque parte do assunto do estado social no qual existe uma distinção metafísica entre realidade e contingência. Isso reaparece continuamente na filosofia: entre idéia e aparência (Platão), forma e matéria (Aristóteles), substância e acidente (S. Tomás de Aquino), razão e intelecto (Hegel), classe para si e classe em si (Marx), vontade de poder e forças reativas (Nietzsche), etc. Esta distinção é estranha ao pensamento utilitarista. Tomemos, por exemplo, a economia. A economia como ciência só é possível se as coisas são comparáveis e interambiáveis, mas não tem nada a ver com os valores absolutos, mas com interesses. Boa parte da sociologia e da psicologia são de origem utilitarística. Mas também na vida cotidiana pensamos em termos de utilidade, de interesse, de meios, de vantagens e de desvantagens. O utilitarismo é o modo de pensar da vida cotidiana. Se quisermos entender o namoro, precisamos ter presente que ele contradiz o modo de pensar da vida cotidiana. Por isso não pode ser explicado com suas categorias.

Mais complexo é o discurso quando se passa ao cristianismo, ao islamismo e ao marxismo. Eles são *instituições culturais*, são potências institucionais saídas de um movimento (o cristianismo das origens, o islamismo das origens) que produziu um tipo de instituição cuja propriedade é absorver os movimentos dando-lhes sua linguagem e os seus símbolos. Por exemplo, durante o cristianismo medieval todas as possíveis experiências religiosas, todos os movimentos culturais terminavam por definir-se em termos cristãos. Cada movimento, para fazer-se entender, era forçado a tomar como ponto fixo o núcleo fundamental do cristianismo: a paixão e morte de Jesus Cristo, os sacramentos, o sacerdócio, a ortodoxia ou heterodoxia, etc. O mesmo vale para o islamismo. No matrimônio cristão não existe uma distinção entre namoro, amor, querer bem e sexualidade. O sacramento do matrimônio inclui todas elas. Ele tende a assegurar é o querer bem (aliança) e a sexualidade (a reprodução), o resto não tem valor particular. Esta visão dominou até os dias de hoje. Em algumas línguas européias – como o francês e inglês – nem existe a palavra “namoro”. Usam a palavra “cair” (tomber, fall). O cristianismo distingue entre amor para os homens e amor a Deus (adorar). O namoro seria aos olhos de um padre uma penosa aberração. A “graça” para o cristianismo é uma intervenção divina.

O caso do marxismo em muitos aspectos é idêntico ao do catolicismo e islamismo. Também o marxismo nasce de um movimento, cresce absorvendo movimentos. No centro está a experiência do estado nascente (fim da alienação, comunismo). Fornece sua linguagem a todos os movimentos de revolta e aqueles que não adotam sua linguagem perdem a palavra. Para o marxismo o sujeito (o nós) é a classe. E a classe sofre uma transubstanciação (um estado nascente) na passagem da classe *em si* para a classe *por si*. Para o marxismo não há nenhum movimento coletivo possível a não ser de classe, ou que não se defina em classe, nega a existência ou a importância. Os movimentos coletivos religiosos, do ponto de vista do marxismo, são, por isso, rudimentares tomadas de consciência da própria condição de exploração e de alienação, mas até que não se chega à consciência de classe e ao internacionalismo proletário, trata-se sempre de falsa consciência, pré-história. O namoro, já que com a classe não entra nada, e até pode unir pessoas que pertençam a classes diferentes, pertence ao privado, ao irracional, àquilo do qual não tem ciência. Pertence ao reacionário. Não é que

Marx, Lenine, Mao Tze Tung não se tenham enamorado. Mas esta dimensão de sua vida é condicionada pela vida pública, é considerada dimensão privada, priva de valor, objeto.

Vejamos o *feminismo*. Também este é um movimento, e como tal está baseado no estado nascente, com suas experiências características (separação entre essencial e não essencial, autenticidade, auto-consciência, historização – ou seja, tempo mítico, pré-história, advento do feminismo, libertação final da mulher – comunismo, igualdade, etc.). Mas a linha divisória está colocada entre mulheres e homens. O ‘nós’ do feminismo é constituído por mulheres e não por homens. Também o feminismo, como todo movimento, separa o que estava unido e une o que estava separado: une as mulheres e as separa dos homens. Ora, o namoro bissexual separa um homem e uma mulher de alguma outra coisa (família, parentela, classe...) e os une. O movimento feminista, sobretudo em sua fase de estado nascente, não poderia não considerar absurdo e demencial o namoro. O feminismo separou o casal para criar o campo de solidariedade feminista e desmitificou o namoro porque, na sociedade moderna, é através do namoro e sua linguagem que se constitui e se legitima o casal. Mas o feminismo não transformou o homem como algo que se devia destruir ou suprimir. O feminismo é um movimento ético que quer transformar o mundo convencendo os indivíduos, não os destruindo. Por isso recuperou vários aspectos do namoro, estudando-os. O amadurecimento feminista ensinou à mulher a defender-se do servilismo moral que pode acontecer no namoro, a querer uma paridade real e não só declarada, a dar menos importância a coisas como a virgindade, e com isso enfrentou o namoro em muitas de suas falsidades.

Examinemos as coisas de outro ponto de vista: utilitarismo, cristianismo e marxismo são três forças históricas reais que agem em nossa sociedade constituindo os sistemas conceituais com os quais o mundo é visto e interpretado. Cada uma constitui um conjunto de regras imposta numa determinada área histórica, as únicas que permitem pensar e falar de qualquer coisa. O namoro só tem dois lugares lingüísticos à disposição: um sublime, inefável, ou aquele vulgar, popular, do ridículo e do desprezo. A cultura oficial (ideológico, político ou religioso) ‘reprime’ o estado nascente a dois, fazendo dele alguma coisa que não se pode falar adequadamente. Nesta perspectiva, também a psicanálise, em todas as suas formas, dando importância à sexualidade e reduzindo todas as experiências a transformações da sexualidade, faz uma ação de repressão. No século passado a linguagem do amor romântico servia como instrumento de repressão da sexualidade; hoje acontece o contrário: a sexualidade, falar de sexualidade, as práticas sexuais, servem para reprimir, tornar inconscientes outros desejos, outras formas nas quais o Eros se manifesta.

O namoro é um comportamento anti-social? Não é um refugiar-se no privado, evitando os empenhos públicos e políticos? Esta é uma idéia da cultura repressiva e não tem nada de fundamento científico. Em todos os grandes movimentos políticos encontramos, tanto entre os militantes quanto entre os líderes, pessoas que participaram do movimento amando-se. Ex.: Anita e Garibaldi. O mesmo acontece no movimento marxista. Isso prova que a tese do amor egoístico, que exclui do empenho político, é uma falsificação.

O namoro, como todo outro movimento, nasce, a nível de indivíduo, de um excesso depressivo que se deve ao crescer da ambivalência em relação a um objeto, individual ou coletivo, antes aceito e amado e que, depois, pouco a pouco, de mostrou injusto, incompatível o desenvolvimento das forças históricas e vitais. A pessoa que procura uma vida mais intensa, uma verdadeira solidariedade, pode encontrar outra que se encontra na mesma situação e, então, ambas experimentam um estado nascente a dois. Mas as condições históricas estruturais estão prontas, se há condições gerais de conflito étnico, religioso, nacional, se a necessidade de uma nova solidariedade e de uma nova justiça estão difundidas em milhares de pessoas, então aparece um estado nascente de grupo, um movimento coletivo ou religioso ou de classe, e o indivíduo se reconhece nisso. O casal enamorado se reconhece no movimento e tende a fundir-se nele. Pode nascer um problema de *exclusividade*. O estado nascente a dois leva a forma um par que participa apaixonadamente do movimento mas que, apesar disso, fica fechado eroticamente. Vai a procura de amizade, de solidariedade, de um objetivo geral, mas em seu interior não admite outros enamorados.

O fato que há namoros freqüentes entre pessoas da mesma religião, ideologia (entre irmãos, patriotas, companheiros) não significa que nos enamoramos de pessoas mais semelhantes a nós, com as quais dividimos os mesmos ideais? Acima se falou que o namoro sempre requer uma diferença ou uma transgressão. Convém distinguir dois casos: aquele no qual os irmãos, os companheiros, os amigos se constituem em movimento, e aquele no qual estas palavras significam pertença a um partido, a uma Igreja, a uma associação. No caso do movimento, irmãos, companheiros e amigos são o produto da fusão do movimento. Antes as pessoas eram diferentes e separadas. O processo de fusão acontece com o movimento e como resultado do processo. Num partido ou numa igreja existe uma probabilidade maior de enamorar-se que fora. Certamente, porque há maior ocasião de estar juntos, de ter relacionamentos, de conhecer-se. A mesma coisa se pode dizer de uma empresa, de um grupo esportivo. Nestes casos, ter interesses comuns, valores humanos, constitui um fator de facilitação. Para além de certas diferenças não pode acontecer namoro. Não é possível enamorar-se com quem não conhecemos nem com quem não falamos.

Portanto, se duas pessoas estão à procura de uma diferente solidariedade se encontram quando está para explodir um grande movimento coletivo, então se enamoram, e o namoro se inclui no movimento reconhecendo-se em sua ideologia e em seus valores. Neste caso, o casal entra no movimento como uma unidade. O estado nascente do movimento não a atinge. Quando as pessoas entram separadas no movimento, então tendem a identificar-se com o grupo ou com o chefe e não se enamoram. O namoro torna a ter importância na fase de declínio do movimento, quando a experiência do estado nascente sobrevive como nostalgia, desejo profundo. Os namorados sentem que são o núcleo deste movimento maior. Onde surge, então, a idéia difundida de que o namoro é um momento egoísta e de fechamento? Da instituição política, ideológica ou religiosa que pretende ter o controle total sobre os indivíduos. Muitos grupos, muitas instituições, nascidos de movimentos pedem ao indivíduo uma dedicação total ao grupo. Pensemos nas ordens monásticas católicas. No início muitos saíram de movimentos constituídos por homens e mulheres. Logo após, porém, tornando-se instituição, dando-se uma ordem – separam os homens das mulheres e estabelecem um regime de absoluta obediência em relação aos superiores. O mesmo acontece nos grupos revolucionários ou políticos onde se instaura uma férrea disciplina. Neste caso,

o casal se constitui um limite, uma privação do poder total do grupo. O *grupo totalitário* se sente *privado* da resistência dos indivíduos que conservam uma área inacessível a seu poder. Esta área, subtraída do poder totalitário do grupo, é o *privado*. Do ponto de vista do grupo este limite, esta privação é uma limitação, uma perda. Por isso o combate e o declara egoísta, indigno. É esta a origem do julgamento negativo que, sobretudo os grupos marxistas dão do namoro. A operação ideológica é completada colocando em relação este 'privado' à 'propriedade privada'. Quanto mais totalitário é o sistema ideológico, religioso e político, tanto mais hostilidade manifesta para com quem quer subtrair-se a seu poder.

É possível, **com a própria vontade, des-enamorar-se? Não.** É possível, **com a própria vontade, evitar enamorar-se? Sim.** O que pode a vontade fazer diante do namoro já em andamento? Decidir trancar, de não ver mais a pessoa amada, afastar-se dela. São todos atos que pode fazer. Enquanto a pessoa amada está presente parece não haver nada mais fácil. O namoro confere uma força extraordinária que nos permite dizer não. Mas esta força cessa instantaneamente quando cumprimos o ato irreparável com o qual perdemos nosso amor: então entra a petrificação e a nostalgia. Mas existe um saber para evitar o namoro, um saber difuso em todas as instituições, porque todas têm o poder de impedir o namoro ou de conter seus efeitos, ao menos em certos níveis. Todas as instituições, uma vez que surgem e se revitalizam através de movimentos coletivos, sempre têm em seu centro algo que consideram mais importante que qualquer indivíduo. Seja o partido, o movimento, a classe, a pátria, a Igreja ou Deus... Esta coisa é superior a qualquer homem ou mulher concretos. O saber das instituições desvaloriza o endeusamento de uma pessoa qualquer e quem pertence a uma instituição aprende este saber. Por dois mil anos, a Igreja católica educou os seus sacerdotes a preferir os afetos celestes aos terrestres, evitando as tentações, confessando mesmo os pecados de desejo, intervindo temporariamente com sua autoridade.

Somos atraídos pelo estado nascente e não pelo namoro. As principais instituições do ocidente, das religiosas às políticas, das antigas às modernas, todas elas estão fundadas nas categorias do estado nascente. Nós somos atraídos pelo estado nascente porque é o sonho do ocidente. Os antigos mistérios pré-cristãos contavam a morte e o renascimento do deus, o cristianismo tem suas festas fundamentais no Natal e na Páscoa da ressurreição. No fim dos tempos promete a ressurreição da carne e a nova Jerusalém. O islamismo ensina a esperar o último dia. O marxismo fala de revolução, de renovação, de fim da história. Para indicar um período que tem valor usamos expressões como renascimento, ressurgimento, renovação. No escuro do presente esperamos um novo dia, uma vida nova, uma nova primavera, uma redenção, um resgate, uma revolta. O que nos atrai é sempre o tempo divino das origens, colocado no passado como nos mitos religiosos, no futuro como marxismo ou no presente como no namoro. Esta é a tradição cultural do ocidente. Mas, aquilo que no ocidente é o sonho último, para o oriente e, em particular para a cultura induísta e budista, é incubo que se precisa evitar. O ciclo dos renascimentos pode muito bem ser aplicado à vida do indivíduo: ele continuamente morre e renasce, sofre, mas espera continuamente renascer a uma nova vida feliz.